



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA**

**ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E SEMÂNTICOS NA TRADUÇÃO DOS
FRASEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES**

HELEN ILZA BORGES DE OLIVEIRA

**BRASÍLIA
2009**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA**

**ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E SEMÂNTICOS NA TRADUÇÃO DOS
FRASEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES**

HELEN ILZA BORGES DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Lingüística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e
Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Orientador

Prof. Dr. René Gottlieb Strehler

**BRASÍLIA
2009**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Oliveira, Helen Ilza Borges de.

O482a Aspectos Sócio-Culturais e Semânticos na Tradução dos Fraseologismos em Dicionários Bilíngües / Helen Ilza Borges de Oliveira. – 2009.

86 f.: il.

Orientador: Prof^o. Dr^o René Gottlieb Strehler.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2009.

Bibliografia: f. 75-78

Inclui anexos.

1. Fraseologia 2. Dicionário 3. Cultura 4. Equivalência pré-existente 5. Equivalência de situação I. Strehler, René Gottlieb. II. Universidade de Brasília. III. Título.

CDU: 81'373.45:81'373.7

**ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E SEMÂNTICOS NA TRADUÇÃO DOS
FRASEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES**

Helen Ilza Borges de Oliveira

BANCA EXAMIDORA

Prof. Dr. René Gottlieb Strehler - UnB
Orientador

Profa. Dra. Maria Izabel Magalhães - UnB
Examinador externo

Prof. Dr. Herbert Andreas Welker - UnB
Examinador interno

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen- UnB
Suplente

À minha avó materna (*in memoriam*), Adolfa Borges do Carmo que, por sempre acreditar que o meu futuro dependeria dos meus estudos, apoiou-me incondicionalmente – minha eterna gratidão...

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças para que eu não desistisse ao longo do caminho.

Aos meus pais e minha irmã, por sempre me apoiarem em meus estudos.

A todos os meus amigos (em especial meus companheiros do Mestrado), pela torcida, pelo carinho e pelo companheirismo.

Aos participantes da banca, pela receptividade ao convite de conhecer este estudo, enriquecendo com sua presença a apresentação deste.

Ao prof. Dr. René Gottlieb Strehler, pela orientação acadêmica e pela paciência em todos meus momentos de incerteza.

Ao prof. Dr. Herbert Andreas Welker, pelos ensinamentos e pela paciência durante este percurso e pela disponibilidade para avaliar e contribuir com este trabalho.

Aos professores Mark Ridd, Cynthia Ann Bell e Válmi Hatje-Faggion pelas contribuições valiosas ao longo deste processo.

A todos os professores e funcionários do LET-UnB que tiveram participação direta ou indireta para a conclusão deste trabalho.

“[...] sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente[.]”

Michel Foucault
Microfísica do poder

RESUMO

Por muito tempo os fraseologismos têm sido objeto de discussão entre os tradutores, visto que eles trazem peculiaridades da língua de origem que nem sempre encontram um equivalente na língua de chegada. A discussão sempre gira em torno de como traduzi-los. Manter o sentido conotativo do original, porém perdendo suas características? Ou encontrar um equivalente na língua de chegada que pode não refletir fielmente o sentido do original, mas seria uma opção de uso? Envoltos em toda esta discussão estão os tradutores que, independentemente de como, freqüentemente se deparam com fraseologismos a serem traduzidos. E, em muitas das vezes, recorrem aos dicionários como apoio externo para a tarefa de tradução. Visto que todos os dicionários possuem suas limitações e os dicionários monolíngües não trazerem o equivalente dos fraseologismos em língua estrangeira, esta pesquisa procurou analisar o comportamento da tradução dos fraseologismos nos dicionários bilíngües Inglês-Português / Português-Inglês – como tais fraseologismos são traduzidos, se são traduzidos ao pé da letra, ou obedecendo a alguma ordem que procure manter os aspectos semânticos da língua de origem. Para tal, foram utilizados 4 dicionários bilíngües para estudantes brasileiros de Língua Inglesa como instrumentos para a coleta de dados. Os resultados sugerem que apesar dos fraseologismos terem sido traduzidos, não foram encontradas observações com relação à relevância cultural que estes fraseologismos possuem em Língua Portuguesa. Porém, percebe-se uma preocupação em que estes sejam traduzidos por um equivalente pré-existente em Língua Inglesa ou por um equivalente de situação que permita ao usuário ter noção do sentido conotativo do fraseologismo original.

PALAVRAS-CHAVE: fraseologismo; dicionários bilíngües; cultura; equivalência pré-existente; equivalência de situação.

ABSTRACT

For a long time, the fixed expressions have been matter of discussion among the translators, since they have the original language peculiarities and, sometimes, these fixed expressions are so specific of a culture that don't have an equivalent in the translation that covers all their connotative meanings. The discussion is all around in how translators should translate them. Should they keep the original connotative meaning, despite the fixed expression characteristics? Or should they search for an equivalent in the foreign language that may not reflect the original meaning? The translators are involved in these questions but they frequently face the task of translating the fixed expressions, no matter how. And, most of the times, they run over the dictionaries as an external support for the translation task. Since most of the dictionaries have their restrictions and the monolingual dictionaries don't have the fixed expressions equivalent in the foreign languages, this study aimed at analyzing the behavior of the fixed expression translation in the bilingual dictionary – English-Portuguese / Portuguese-English. It expected to analyze how the fixed expressions are translated – literally or with some order to keep their semantic meaning of the original language. So, four bilingual dictionaries for Brazilian students of English were used as means for data collection. The results suggest that, despite the fixed expression have been translated; there weren't any information on their cultural relevance for the original language. But, it can be seen some preoccupation on their translation for an equivalent in the foreign language or a situation equivalent that should allow the user to perceive the connotative meaning of the original fixed expression.

KEY-WORDS: fixed expressions; bilingual dictionaries; culture; preexisting equivalence; situation equivalence.

LISTA DE GRÁFICOS

Número	Descrição	Página
1	Fraseologismos traduzidos por um equivalente pré-existente	65
2	Fraseologismos traduzidos por um equivalente de situação	67
3	Fraseologismos traduzidos literalmente, palavra por palavra	70
4	Fraseologismos traduzidos por um significado diferente do original	71
5	Frequência das categorias no Dicionário Oxford	73
6	Frequência das categorias no Dicionário Michaelis	73
7	Frequência das categorias no Dicionário Longman	73
8	Frequência das categorias no Dicionário Collins	74
9	Quantidade dos fraseologismos não traduzidos pelos quatro dicionários	74

LISTA DE TABELAS

Número	Descrição	Página
1	Equivalentes pré-existentes diferentes em dicionários diferentes para o mesmo fraseologismo.	65
2	Fraseologismos traduzidos por um equivalente de situação em alguns dicionários e por um equivalente pré-existente em outros.	67
3	Tabela 3. Fraseologismos traduzidos por um tradução literal em alguns dicionários e por uma equivalência de situação em outros	70
4	Fraseologismos com conotação diferente do original em Português	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Justificativa	14
Objetivos	15
Questões de Pesquisa	16
Metodologia	16
A estrutura da Dissertação	17
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 A fraseologia como uma linguagem de cultura	18
1.2 A função social e o valor da língua na cultura.....	21
1.3 A Teoria Social do Discurso.....	26
1.4 Definição de fraseologismo	28
1.5 Cultura e tradução	32
1.6 Cronologia da Teoria de Tradução.....	34
1.7 Teoria de tradução de fraseologismos	39
1.8 A criatividade na tradução de fraseologismos	43
1.9 Os dicionários e os tradutores.....	50
CAPÍTULO 2 – METODOLÓGICO-ANALÍTICO	53
2.1 A natureza da pesquisa	53
2.2 O contexto da pesquisa.....	55
2.3 A escolha dos dicionários	57
2.4 Procedimentos para a análise de dados	58
2.5 Fraseologismos traduzidos por um equivalente pré-existente	59
2.6 Fraseologismos traduzidos por um equivalente de situação	61
2.7 Fraseologismos traduzidos literalmente, palavra por palavra.....	64
2.8 Fraseologismos traduzidos por um significado diferente do original	65
2.9 Os dicionários de acordo com as categorias	67

CONCLUSÕES	70
Respondendo às perguntas de pesquisa.....	72
Contribuições.....	73
Limitações deste estudo	74
Sugestões para futuras pesquisas	75
Considerações finais	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICE A – O corpus original em Língua Portuguesa com o significado pelo Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa	80
APÊNDICE B – O corpus analisado com os fraseologismos encontrados em pelo Menos um dos dicionários analisados.....	85

INTRODUÇÃO

Justificativa

As pessoas utilizam a linguagem humana para a expressão e troca de idéias. Nem sempre essa comunicação se dá de maneira transparente, direta, com a única intenção de informar. Em uma determinada língua as experiências culturais e individuais são codificadas através da linguagem e pode ocorrer com freqüência o uso da linguagem com a intenção de ironizar, de fazer alusão a algo, etc. Logo, pode-se prever que os textos produzem um efeito sobre as pessoas e que estes efeitos são determinados pela relação dialética entre o texto e o contexto social (FAIRCLOUGH, 2001).

O uso popular da língua sempre criou frases do cotidiano, que são incorporadas a determinado idioma e passam a ter seu uso freqüente, mesmo que despercebidamente. Normalmente, o discurso de determinado grupo social é moldado pelas práticas sociais a ele (o grupo social) inerentes. De acordo com a adaptação constante às necessidades de comunicação, o grupo cria modos de falar que podem servir por determinado tempo, ou se incorporar ao inventário lexical da língua.

Estas frases (ou modos de falar), os fraseologismos, enriquecem a língua e contribuem para a sua evolução. Parece impossível conhecer a fundo uma língua sem conhecer seus fraseologismos ou expressões idiomáticas, por exemplo. Eles dão vida à língua, mostram a sua dinamicidade e refletem a visão humana dentro de determinado contexto sócio-cultural. Este fenômeno lingüístico se caracteriza pela repetição de seqüências lexicais que vão desde um grupo de duas palavras (*chutar o balde*) aos provérbios, com extensão de uma sentença (*água mole em pedra dura tanto bate até que fura*).

A importância dos fraseologismos em uma língua se dá pelo fato de que estes costumam refletir a sabedoria popular e a imaginação de uma época – que são determinantes para manter viva a cultura de um povo. Logo, conhecer os fraseologismos e sua importância para a produção e compreensão de textos torna-se imperativo para o estudioso da língua.

Porém, quando se pensa na tradução destes fraseologismos para outro idioma, na maioria das vezes eles não são passíveis de ‘tradução literal’. Ao traduzi-los o tradutor precisa, naturalmente, conservar a essência do fraseologismo (i.e. procurar traduzi-lo de modo que ele mantenha as características semânticas que o original possui) e nem sempre alcançar tal essência depende somente de um mero conhecimento do outro idioma. Exige-se, em geral, um perfeito domínio de sua língua materna e da língua estrangeira, além de uma grande dose de discernimento e bom senso. Como é fácil supor, tais qualidades não são tão comuns quanto se parece, logo o grande número de traduções ininteligíveis dos fraseologismos. Traduzidos ao pé da letra, muitos deles, quando inteligíveis, são contrários ao uso e ao espírito da língua para a qual é traduzido, como pode ser percebido pela expressão *I shouldn't know him from Adam*, cuja tradução literal seria *Eu não o conheceria desde Adão*. Para o leitor em língua portuguesa, tal expressão não faz o menor sentido, porém um conhecimento mais aprofundado da língua de origem permitiria ao tradutor produzir um equivalente mais claro, como *Eu nunca o vi mais gordo* (SILVEIRA, 1954, p. 68).

Objetivo

Nesse sentido, este estudo visa analisar como alguns fraseologismos da Língua Portuguesa são traduzidos nos Dicionários Bilíngües para estudantes de Inglês como Língua Estrangeira. Estes dicionários bilíngües são considerados como sendo de recepção, ou seja, seu uso é restrito pelos tradutores, já que estes normalmente precisam de muito mais informações para a produção da tradução, porém como se pôde perceber em uma pesquisa realizada por Welker & Oliveira (*apud* WELKER, 2007, p. 123) tanto estudantes iniciantes como os avançados de um curso de Tradução fazem uso considerável dos dicionários bilíngües como suporte na produção de traduções.

Questões de pesquisa

A partir dos objetivos propostos, espera-se responder às seguintes questões de pesquisa:

1. Como os dicionários bilíngües para estudantes brasileiros de Inglês traduzem os fraseologismos originalmente em Português?
2. Será que os dicionários bilíngües para estudantes brasileiros de Inglês, caso traduzam os fraseologismos, levam em consideração seus aspectos sócio-culturais?

Metodologia

Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa e quantitativa. Qualitativa já que busca entender em profundidade como se dá certo fenômeno lingüístico – i.e. a tradução de fraseologismos. Quantitativa, pois os dados estatísticos resultantes da análise podem ajudar a aprofundar os conhecimentos e permitir maior exatidão nos resultados.

Para verificar como se dá a tradução dos fraseologismos nos dicionários bilíngües para estudantes brasileiros de Inglês, foram analisados quatro dicionários com esta especificidade. Os fraseologismos pesquisados foram escolhidos aleatoriamente em um Dicionário de Português. Em seguida, foi feita a análise nos dicionários bilíngües e os dados foram apresentados em forma de tabela para facilitar a visualização dos resultados.

Nesse sentido, este estudo visa analisar como alguns fraseologismos da Língua Portuguesa são traduzidos nos Dicionários Bilíngües para estudantes de Inglês como Língua Estrangeira. Estes dicionários bilíngües são considerados como sendo de recepção, ou seja, seu uso é restrito pelos tradutores, já que estes normalmente precisam de muito mais informações para a produção da tradução, porém como se pôde perceber em uma pesquisa realizada por Welker & Oliveira (WELKER, 2007, p. 123) tanto

estudantes iniciantes como os avançados de um curso de Tradução fazem uso considerável dos dicionários bilíngües como suporte na produção de traduções.

Parte-se do princípio de que os fraseologismos, nos dicionários bilíngües, seriam analisados antes da produção do dicionário para que tivessem um equivalente em língua estrangeira que levasse em consideração os aspectos lexicais, semânticos e pragmáticos para que tal fraseologismo fosse funcional em um contexto específico.

A estruturação da Dissertação

Esta dissertação está dividida em cinco partes. Na Introdução encontra-se a justificativa para a realização deste estudo, os objetivos, as questões de pesquisa e também a estrutura da dissertação. O primeiro capítulo é dedicado à fundamentação teórica da pesquisa, destacando questões como os aspectos culturais, a definição do termo ‘fraseologia’, a teoria de tradução e a teoria para a tradução de fraseologismos. No segundo capítulo será descrita a metodologia da pesquisa e seu contexto, bem como a seleção dos instrumentos utilizados para a coleta dos dados. A discussão e a análise dos dados obtidos são apresentadas no terceiro capítulo. Na parte final estão as conclusões deste estudo, as limitações encontradas e as contribuições da pesquisa para futuros estudos.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 – A fraseologia como uma linguagem de cultura

A fraseologia é um domínio dos estudos lingüísticos que ilustra bem a correlação entre língua e cultura. A abordagem antropocêntrica em lingüística trabalha na discussão do cenário da linguagem coloquial. Presume-se que cada língua, especialmente com relação a seus sentidos figurados, está relacionada com a reflexão e extensão do que Humboldt e Weisgerber denominaram *Weltansicht*, ou ‘visão de mundo’ (Weisgerber, 1929 *apud* Cowie, 1998, p. 56). A visão de mundo partilhada pelos membros de uma comunidade linguo-cultural possibilita a geração e compreensão, em um processo subconsciente de percepção, dos significados lingüísticos metafóricos.

Edward Sapir (1964 *apud* Cowie, 1998, p. 56) foi o primeiro autor a postular explicitamente que a linguagem representa e contextualiza a realidade de um modo culturalmente específico. Sapir (1949 *apud* Cucho, 2002, p. 75) é um dos primeiros a defender que na verdade não são os elementos culturais que passam de uma cultura para outra, independentemente dos indivíduos, mas os comportamentos dos indivíduos, característicos de uma cultura, que explicam cada empréstimo cultural particular.

Sapir (*apud* Katan, 1999, p. 153) estava convencido de que a linguagem apenas podia ser interpretada dentro de uma cultura. Ele foi além, sugerindo que ‘não havia duas línguas tão suficientemente similares para serem consideradas como representantes da mesma realidade. Os mundos nos quais as sociedades diferentes vivem são mundos distintos, não meramente o mesmo mundo com roupagem diferente. Esse extrato faz parte do que é conhecido como a Hipótese Sapir-Whorf que, tradicionalmente, tem duas versões: a forte e a fraca. Na visão forte, a linguagem determina o modo pelo qual o usuário da língua pensa, o que poderia sugerir, por exemplo, que os bilíngües poderiam

mudar a sua visão de mundo automaticamente conforme muda a linguagem. Esta visão tem poucos adeptos hoje. Steven Pinker (1995, p. 57 *apud* Katan, 1999, p. 161) a criticou: *a idéia de que o pensamento é a mesma coisa que a linguagem é um exemplo de um absurdo convencional: uma citação que vai contra o senso comum.*

Para Hatim e Mason (1990, p. 29 *apud* Katan, 1999, p. 163) se a versão forte da Hipótese Sapir-Whorf fosse aceita, isto significaria que as pessoas poderiam ser ‘prisioneiras’ de suas línguas nativas e seriam ‘incapazes de conceituar em outras categorias que não fosse sua língua nativa’.

Vários outros autores também acreditam que a aceitação dessa versão da hipótese de Sapir significa que apenas podemos pensar o que a linguagem nos permite. Halliday (1992, p. 62 *apud* Katan, 1999, p. 152) não se consideraria um adepto dessa versão forte, embora ele ateste que:

a gramática cria o potencial dentro do qual nós agimos ou reagimos ao nosso ser cultural. Este potencial é tanto capacitante como constrangedor: ou seja, a gramática torna o significado possível e também estabelece limite sobre o que pode ser significado.

Este é um exemplo da versão fraca da teoria de Sapir, o que sugere que a linguagem influencia o pensamento. Esta versão da teoria tem adeptos na antropologia, tradução e lingüística.

Os adeptos da versão fraca sugerem que a linguagem é um dos fatores que influenciam o entendimento da realidade, mas não é um fator determinante. Hatim e Mason (1990, pg. 105 *apud* Katan, 1999, p. 152) aceitam a versão fraca: *a linguagem difere no modo como eles percebem e partilham a realidade.* Além de ter uma versão forte e fraca da teoria, Sapir-Whorf tem uma abordagem diferente. As duas abordagens são conhecidas como as versões gramaticais e lexicais da Hipótese Sapir-Whorf.

A cultura pode ser considerada como a habilidade dos membros de uma comunidade de fala de se orientar com relação aos aspectos sociais, morais, políticos e a outros valores em suas experiências mentais e empíricas. As categorias culturais (tais como tempo e espaço, Bem e Mal, etc) são definidas a partir de um conhecimento subconsciente de padrões, estereótipos, hábitos e outros padrões culturais. Quando estes padrões se aproximam do léxico de uma língua, eles podem agir como ‘sinais culturais

diretos', i.e. os provérbios, ditos populares, com suas funções prescritivas e descritivas imediatas (Cowie, 1998, p. 57).

Para Cowie (1998) a noção de relatividade lingüística pode ser reformulada como relatividade linguístico-cultural onde se assume que a cultura possa ser implementada no conteúdo das expressões lingüísticas e transmitida por gerações através das normas de uso da língua. Logo, a linguagem pode ser percebida como um mecanismo fundamental na contribuição para a formação de uma identidade cultural coletiva.

Porém, há que se esclarecer que as culturas nascem de relações sociais que costumam ser desiguais. Sempre existe uma hierarquia entre as culturas proveniente da hierarquia social e ignorar este fato seria pressupor que as culturas existissem independentemente e sem relação umas com as outras. Para Cuhe (2002, p. 144) apesar todas as culturas merecerem a mesma atenção e o mesmo interesse, não se pode concluir que todas elas são socialmente reconhecidas como de mesmo valor.

Cowie (1998, p. 58) sugere cinco tipos de informações culturais para verificar se os dados culturais estão incorporados ao significado lexical, partindo do princípio de que a língua faz parte da cultura. São eles: semas culturais, conceitos culturais, conotações culturais, experiências culturais e estereótipos do discurso.

Os semas culturais estão relacionados às palavras e combinações de palavras que denotam a realidade. O componente cultural forma um sema cultural, ou seja, forma parte do significado lexical. O sema cultural reflete o conhecimento geral sobre a realidade. Já os conceitos culturais possuem uma noção mais cognitiva do que semântica. São noções abstratas que mapeiam e constroem a visão de mundo em um modo culturalmente específico. Neste caso, estão relacionadas as palavras e fraseologismos que possuem alto grau de especificidades culturais. Certos fraseologismos possuem implicações culturais tão específicas em uma língua que, provavelmente, serão verbalizados em outras línguas com diferentes conotações. As conotações culturais, de acordo com Teliya (1993 *apud* Cowie, 1998, p. 59) surgem da relação entre a imagem contida no signo lingüístico e o conteúdo de um padrão cultural. Elas são observadas nos fraseologismos em que a ativação de uma conotação cultural está conectada com o tipo de informação cultural contida na base da colocação (palavra-chave). Em geral as conotações culturais podem acompanhar qualquer palavra culturalmente marcada quando elas se combinam nos fraseologismos.

As experiências culturais se referem às informações mais difíceis de serem formalizadas, já que estão conectadas semanticamente de modo indireto. Para Cowie (1998) uma palavra ou combinação de palavras tem uma ‘experiência cultural’ quando ela possui uma ideologia claramente exposta associada a uma situação histórica, um movimento político ou uma tendência.

Por último, nos estereótipos do discurso está a dinamicidade que envolve a repetição, reinterpretação e multiplicação dos fraseologismos. Estes fraseologismos, pertencentes a diferentes tipos de discurso (religioso, filosófico, literário, folclórico, etc.) exercem forte influência sobre a cultura, enquanto que as mudanças culturais causam a reprodução e reinterpretação dos estereótipos do discurso nas práticas de fala.

É muito mais difícil estar atento às diferenças significantes mascaradas pela variação de dialeto e que não aparecem de modo óbvio nas diferenças de estrutura gramatical e de vocabulário. As pesquisas na área ainda não são capazes de compreender plenamente as realizações lingüísticas particulares em que a língua opera na transmissão da cultura. Mas a perspectiva é que a investigação funcional da língua e o desenvolvimento da língua possam fornecer a base para este entendimento (Halliday, 1978, pg. 27).

1.2 – A função social e o valor da língua na cultura

Como observado anteriormente, Saussure (1995) propõe uma visão dos estudos lingüísticos que vai além dos estudos da gramática de uma língua, sua sintaxe, fonologia e léxico. Existe uma preocupação com a função social e o valor que a língua assume dentro de uma cultura. Para o agente social as funções gramaticais estão presentes na língua, algumas de modo mais familiar, outras de caráter mais estranhos, pertencentes a grupos sociais específicos. A familiaridade com que o indivíduo percebe a língua está intrinsecamente relacionada com o meio e as relações sociais com as quais ele está inserido. Kress (1989, pg. 6) afirma que as instituições e os grupos sociais têm significados e valores específicos que são articulados na linguagem de maneira sistemática. Essa sistematização dos modos de falar é definida por ele como sendo o discurso – *são conjuntos de frases organizadas sistematicamente, que dão expressão*

aos significados e valores de uma instituição (tradução minha)¹. Para ele, o discurso apresenta modos de falar sobre o mundo do ponto de vista de uma determinada instituição social. Van Dick (1997, p. 12) também propõe um conceito de discurso que leva em consideração a ação e interação entre os falantes da língua. Para ele, o discurso não consiste apenas dos sons ou gráficos, da sintaxe e das estruturas complexas, mas também pode ser descrito em termos das ações sociais realizadas pelos falantes da língua quando se comunicam em situações sociais e dentro de uma sociedade e uma cultura específicas.

Nesse sentido, para deixar bem clara a relação entre os estudos lingüísticos e o aspecto social que permeia a língua, esta pesquisa se utilizará brevemente das noções de *contexto situacional* e *contexto de cultura*, propostos pela Gramática Sistêmico-Funcional.

A Gramática Sistêmico-Funcional, proposta Halliday, na década de 50 do Século XX, é um modelo de análise lingüística que considera a análise de textos e seus contextos de uso. Existe uma constante preocupação em como o sujeito usa a linguagem e como esta é estruturada em diferentes usos. Este modelo é sistêmico pois percebe a gramática como um sistema de escolhas que não são motivadas arbitrariamente e é considerado funcional já que tenta explicar as relações comunicativas de uma seleção dentro do sistema. Esta análise lingüística funcional procura determinar funções para as categorias lingüísticas, não se limitando apenas a identificá-las.

Em relação ao conceito de gramática, Halliday (1992, p. 356 e 1994) fornece o construto operacional que define esse conceito como um sistema que organiza as funções desempenhadas pelos falantes. Isso significa que o aspecto gramatical desempenha o papel de referente formal das realizações semânticas (função + significado): os termos formais passam a ser observados de forma contextualizada no ambiente sócio-cultural (Halliday, 1994). Resumindo, uma análise gramatical inserida em um construto sistêmico-funcional observará dois aspectos (Halliday & Hasan, 1989, pg. 23):

- a) o aspecto funcional, ou seja, o que o falante está querendo dizer e significar;
- b) a opção formal/estrutural escolhida pelo falante.

¹ Discourses are systematically-organised sets of statements which give expression to the meanings and values of an institution.

Dessa forma, os itens lingüísticos são entendidos como multifuncionais porque podem desempenhar diferentes funções (necessidade sócio-cultural de comunicação) no cenário das configurações dos agrupamentos estruturais de uma língua (Halliday, 1994, pgs. 29-30). Uma das diferenças que distingue essa análise lingüística de outras é que, por levar em consideração um elenco variado de possibilidades de significado, as realizações formais da língua são observadas do ponto de vista paradigmático e não sintagmático. Nesse ambiente teórico, a relação entre texto e contexto é imprescindível, porque “um só pode ser interpretado com referência ao outro” (Halliday, 1989). O primeiro é definido por Halliday como a realização, em termos lingüísticos, das escolhas léxico-gramaticais feitas por um indivíduo de acordo com a função, com o tipo de interação e com o ambiente social dentro de um sistema de potenciais de significados (*‘meaning potential’*) (Halliday, 1978, p. 122). Um texto nunca ocorre isoladamente, pois insere-se em um contexto situacional determinado pelo tipo de situação ou contexto social. O texto, dessa forma, é produto do ambiente e funciona nesse dado ambiente (Halliday, 1978, p. 123).

Ao manter essa relação de interação e inter/intraderpendência entre o discurso, que envolve os aspectos da situação, e a semântica (aspectos léxico-gramaticais), a realização textual, dado seu aspecto concreto, passa a ser uma unidade do discurso passível de observação, análise e interpretação. Logo, os construtos teóricos hallideanos explicitados enfatizam o aspecto social que permeia as escolhas lingüísticas de um indivíduo dentro de um sistema simbólico léxico-gramatical de uma língua. Em outras palavras, a língua, como sistema, oferece aos seus falantes uma gama de padrões de fala potenciais dentro de um contexto social, que molda e determina essas mesmas escolhas de acordo com a motivação ou, ainda, a função a ser desempenhada. Para que possam ser concretizados, esses padrões dependem:

- 1) do contexto social;
- 2) da função a ser desempenhada;
- 3) do tipo de relação entre os indivíduos (se simétrica ou assimétrica);
- 4) das características individuais.

As expressões *‘meaning potential’* (potencial de significado) e *‘behaviour potential’* (potencial de comportamento) definem “o que o ouvinte/falante pode fazer/falar (pode significar) e não o que ele sabe a respeito de uma língua” (Halliday, 1978, p. 27-28). Isso sintetiza a posição da escolha motivada pelo contexto e pela

posição sócio-cultural. Dessa forma, o item escolhido, a forma e o lugar fornecem dados para uma análise que extrapola a análise sintática convencional, possibilitando observar diferentes tipos de relações, como por exemplo, de poder/autoridade, presentes em uma interação. No escopo desses conceitos que associam o meio com as escolhas lingüísticas sem a preocupação com o conhecimento de língua de um indivíduo, mas sim com o que um falante pode significar, a semântica acaba entrando como a função primordial: a de integrar com a finalidade de trocar significados e fazer sentido do mundo e de cada ser (Eggins, 1994: 11).

Halliday (1978, p. 110) propõe dois elementos que contribuem para uma análise sócio-semiótica:

- a) o elemento situacional;
- b) o elemento semântico.

No primeiro elemento, encontram-se as variáveis do discurso – campo, teor e modo; no segundo, estão as metafunções ideacional/interpessoal/textual que englobam todas as possibilidades de escolhas semântico-lingüísticas possíveis para um falante em situações de interação com os outros ou com o mundo. É possível traçar uma correspondência entre esses subelementos (Halliday, 1978, p. 116-117), ou seja, detecta-se a metafunção ideacional no elemento campo, a interpessoal no teor, e a textual no modo.

- a metafunção ideacional está relacionada com a natureza do evento social, i. e., com “a expressão do conteúdo de acordo com a experiência do falante inserido em uma comunidade de fala” (Halliday, 1973 *apud* Halliday, 1978, p. 37);
- a metafunção interpessoal, com o papel desempenhado e o status ocupado pelos participantes, ou seja, com “a expressão das relações sociais e pessoais” dos papéis desempenhados nas interações;
- a metafunção textual, com o cumprimento das exigências de operacionalidade de uma língua, ou seja, com o papel da linguagem, com quais escolhas lingüísticas a mensagem está sendo construída e organizada dentro de um sistema determinado pelo contexto e pela intenção do autor.

Além do texto (*‘what people mean’*) e do sistema semântico (*‘what people can mean’*) (Halliday, 1978, p. 114) há ainda o sistema léxico-gramatical que atua na

organização interna da língua, sendo o sistema de relações das formas lingüísticas (Halliday, 1978, p. 43).

No sistema léxico-gramatical, a metafunção ideacional manifesta-se através do sistema da transitividade e enfoca a escolha dos processos verbais juntamente com a escolha dos participantes desses mesmos processos. Essas escolhas refletem as representações de mundo de um falante. A metafunção interpessoal concretiza-se no sistema de modo e modalidade, refletindo o engajamento e o envolvimento do falante com a asserção e com os participantes da interação.

Finalmente, a metafunção textual, através do sistema temarema, i.e., o lugar que a mensagem ocupa, reflete a importância ou o realce de uma dada informação (nova ou já conhecida) na posição que esta ocupa na sentença.

Uma análise da língua com base na Gramática Sistêmico-Funcional permite que sejam levantadas hipóteses a respeito das intenções e motivações que fizeram com que o falante escolhesse determinado item lingüístico léxico-gramatical em detrimento de outro, em determinado contexto sócio-cultural. O contexto social poderá levar à escolha lingüística apropriada para esta ou aquela situação de interação, seja ela oral ou escrita (Halliday, 1973 *apud* Halliday, 1978, p. 25).

Resumindo, tem-se que a Gramática Sistêmico-Funcional analisa as palavras e estruturas do texto, e a partir desta análise obtêm-se informações acerca do assunto sobre o qual é falado no discurso, quem são os falantes e qual o meio através do qual se dá a fala. Após analisar tais aspectos em um texto fica claro que o contexto cultural permite ao texto ter sentido para determinada comunidade de fala, ou seja, percebe-se que em determinado tipo de atividade social, os significados dos textos exercem um propósito específico.

Logo, analisar como as pessoas usam a linguagem nos força a reconhecer que a conduta lingüística tem uma direção (a fala só faz sentido se tiver um propósito dentro do meio social) e acontece em uma situação e uma cultura, em relação ao que pode ser considerado apropriado ou não nesta comunidade social (Kress, 1989, p. 29).

O contexto de cultura, para Kress (1989, p. 30), dá propósito e significado à interação aos falantes da língua e tais propósitos serão diferentes de acordo com determinada atividade social em uma cultura. Já o contexto de situação é mais específico, e diz respeito ao assunto sobre o qual se fala, à relação entre os falantes e o papel da língua em uso.

As deduções que são feitas pela interpretação do uso da língua fazem sentido para os falantes de uma determinada cultura e a implicação mais significativa que pode surgir desta afirmação é o fato de que ambos os contextos de situação e de cultura acontecem através da linguagem. O que significa dizer que onde quer que a linguagem seja utilizada para alcançar um propósito (inconsciente) estabelecido e reconhecido culturalmente, lá estarão presentes tais contextos. Os sujeitos usam a língua para comunicar suas idéias e serem compreendidos pelo outro, sejam como indivíduos ou como membros de um grupo social, para informar, persuadir, ou impressionar os outros em instituições, situações e estruturas sociais.

1.3 – A teoria social do discurso

Antes de se aprofundar nos aspectos da Análise Crítica do Discurso (ACD) que parece ser mais condizente com o objetivo desta pesquisa, vale fazer um apanhado das outras abordagens de análise do discurso através de uma comparação de suas principais características. De acordo com Fairclough & Wodak (1997, p. 262), algumas abordagens incluem uma perspectiva histórica, na teoria e metodologia; para outras o centro das atenções pode ser a repetição, previsibilidade e reprodução de práticas ou, até mesmo, a criatividade e inovação. As abordagens também diferem em como elas vêem a mediação entre o texto e o meio social. Por um lado, os processos sócio-cognitivos são vistos como controladores das realizações discursivas; por outro lado, assume-se que gêneros específicos façam a mediação entre as práticas discursivas e sociais. Alguns estudos em ACD consideram a multifuncionalidade dos textos como característica principal. Mas, seguindo às tradições Hallideanas, acredita-se que os textos representem várias funções ao mesmo tempo (ideacional, interpessoal e textual). Ainda, alguns pesquisadores se focam apenas no nível discursivo sem abordar o texto como ponto de partida, considerando o aspecto funcional. Por último, as abordagens também diferem no modo como se interpretam os eventos discursivos.

Constatar que a linguagem produz e reproduz o social, sendo um poderoso instrumento do processo ideológico que media as relações de poder, é o construto principal da proposta teórico-metodológica defendida por Fairclough (1992) que discute

a linguagem como um processo e não como um produto fechado e isolado, dissociados de um contexto sócio-histórico e cultural. A linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Portanto, a produção da linguagem é um acontecimento, presidido por sujeitos que se constituem em variados papéis sociais a partir de situações comunicativas diversas.

Fairclough (1998 *apud* Gomes, 2001) propõe uma teoria social do discurso (denominada de Análise Crítica do Discurso), seguindo os pressupostos lingüísticos do funcionalismo Hallideano, baseada em alguns princípios fundamentais:

1. A prática discursiva como prática reguladora (noções de gênero, discurso e sujeito);
2. A prática discursiva como espaço de emergência de conhecimentos, valores, relações sociais e identidades sociais;
3. A prática discursiva enquanto princípio de recontextualização (conceitos de apropriação do outro, hibridismo, colonização e hegemonia ideológica);
4. A prática discursiva como prática social (dialética discursiva);
5. As práticas discursivas da esfera pública inseridas nas ordens sociais do discurso.

Partindo destes princípios, Fairclough (1992) estabelece um quadro tridimensional em que tais eventos se relacionam. As três coordenadas em que o quadro tridimensional de Fairclough se baseia são:

- O contexto: através dos questionamentos ‘quem’, ‘quando’, ‘onde’ e ‘por que’, ele dimensiona a ação social. Está diretamente relacionado às práticas sociais e às condições sociais de produção e interpretação do discurso.
- A interação: relacionada à prática discursiva, utiliza-se das regras das relações interpessoais para tentar organizar a realidade social do sujeito.
- O texto: A partir da coerência, pertinência e relevância contextual, expressa a organização simbólica da realidade de mundo. Pode ser escrito ou falado.

Gomes (2001, p. 129) resume bem o quadro tridimensional ao afirmar que o *texto é a concretização da linguagem escrita ou falada produzida num evento discursivo, que é a instância de uso da linguagem, analisada como texto, prática discursiva e prática social*. Ou seja, não restam dúvidas sobre o caráter tridimensional do evento discursivo, desde que se considere que a materialidade lingüística (discurso) somente se configura nas práticas sociais e discursivas.

1.4 – Definição de fraseologismo

Primeiramente, faz-se necessário definir a nomenclatura a ser utilizada ao longo deste trabalho com relação aos fraseologismos. Tais unidades fraseológicas, como bem observado por Sánchez (2005), possuem difícil delimitação externa, um pouco desta dificuldade proveniente da desordem que afeta este conjunto de palavras, característico de uma variedade lingüística, de ordem fixa e que funciona como elemento único.

Para a definição da nomenclatura a ser aqui empregada, utilizar-se-á a padronização estabelecida por Zuluaga (1980) em *Introducción al estudio de las expresiones fijas*². Como ele mesmo especifica, tais unidades fraseológicas (UF) se caracterizam por nomes às vezes confusos e indiscriminados, tais como: ditos, frases feitas, modismos, expressões idiomáticas, fraseologismos, etc. e tais UF apresentam diversas peculiaridades, tanto em sua composição quanto no discurso.

São denominadas de unidades fraseológicas visto que funcionam como unidades em diferentes níveis gramaticais e porque, com poucas exceções, são formadas por combinações de palavras. São também denominadas de expressões fixas já que partem da fixação para a sua constituição e as expressões fixas têm em comum o fato de agirem como unidade compacta e serem compostas de várias palavras. São reproduções em bloco – construções anteriores ao ato da fala que talvez não se repetisse por si só, ou seja, as expressões fixas são produto do processo de repetição no uso da língua. Já as combinações livres seriam produzidas a cada ato de fala mediante as regras da gramática atual, sem procedimentos próprios estabelecidos na língua. (Zuluaga, 1980, p. 16)

As expressões fixas são, antes de tudo, um tipo de combinações de palavras: a que temos caracterizado provisoriamente em oposição às combinações livres; descartamos, pois, em princípio, fonemas, morfemas e as palavras simples e derivadas – exceto as palavras que funcionem como fórmula e apresentem fixação pragmática. (Tradução minha)³

² ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a.M., Bern, Cirencarter. UK.: Lang, 1980.

³ “...expresiones fijas, que son, ante todo, um tipo de combinaciones de palabras: el cual hemos caracterizado provisionalmente em oposicion a las combinaciones libres: descartamos, pues, em

O processo de constituição das unidades fraseológicas tem como requisito um tipo de repetição que faz com que uma combinação de palavras tenha o seu uso geral e comum na comunidade falante, sendo que esta combinação de palavras, com o tempo, adquire seu caráter de expressão fixa. Zuluaga (1980, p. 16) considera a repetição um fenômeno fundamental para o desenvolvimento do homem e de sua cultura, assim como do desenvolvimento e funcionamento dos sistemas lingüísticos.

Considerando o nível de estruturação gramatical de seus componentes e o tipo de estrutura sintática constituída entre eles, os enunciados fixos podem ser classificados, de acordo com Zuluaga, em:

1. Constituídos por uma só palavra – *Saúde!, Tchau, Obrigado!*
2. Constituído por um sintagma nominal – *Bom dia!, Boa noite!*
3. Constituído por uma oração simples, nominal ou verbal – *Casa de ferreiro, espeto de pau*
4. Constituídos por uma oração gramatical composta – *Faça o bem, sem olhar a quem.*
5. Constituídos por uma citação introduzida por uma oração com verbo de expressão lingüística: *Nunca digas: Desta água não bebereis.*

Porém, quando se analisa o conteúdo das unidades fraseológicas percebe-se diferentes problemas, desde o significado literal da unidade ao significado peculiar, chamado idiomático.

A idiomaticidade é um aspecto semântico próprio de certas construções fixas, cujo sentido não pode ser estabelecido a partir dos significados de seus elementos componentes nem de sua combinação, ou parafraseando a formulação de Bally, (...), a idiomaticidade é a ausência de conteúdo semântico nos elementos componentes. (tradução minha)⁴

principio, fonemas, morfemas y las palabras simples y derivadas – salvo las palabras que funcionen como formulas y presenten, por lo tanto, fijación pragmática -.” (Zuluaga, 1980, p. 19)

⁴ “Idiomaticidad es el rasgo semântico próprio de ciertas construcciones lingüísticas fijas, cuyo sentido no puede establecerse a partir de los significados de sus elementos componentes ni Del de su combinacion, o, parafraseando la formulación de Bally (...) idiomaticidad es ausencia de contenido semântico en los elementos componentes. (Zuluaga, 1980, p. 122)

Logo, a idiomaticidade é considerada como uma peculiaridade no plano das combinações das unidades léxicas, e não se estabelece comparação ou possibilidade de tradução para outras línguas, sem que se faça, antes de tudo, uma análise das combinações lingüísticas e das unidades de as compõem.

Com base neste conceito de idiomaticidade proposto por Zuluaga (1980) tem-se que nas construções não idiomáticas os componentes e a relação estabelecida entre eles conservam sua identidade semântica regular, enquanto que na construção idiomática alguns dos componentes ou todos e/ou sua relação perdem sua identidade semântica própria (p.e.: *em um abrir e fechar de olhos* = rapidamente).

Além das expressões idiomáticas cujo sentido depende totalmente da relação dos seus componentes com perda da identidade própria, podem-se encontrar idiomatismos semi-idiomáticos em que o sentido literal consiste em uma imagem que pode servir de suporte semântico no sentido peculiar da expressão (p.e. *lobo em pele de cordeiro* = para identificar pessoas que se fazem passar por gente correta para alcançar objetivos desonestos).

Ainda têm-se as expressões idiomáticas mistas em que se reconhece um componente fixo e outro idiomático, ou seja, não são nem totalmente idiomáticas, nem fixas (p.e.: *armado até os dentes* = exageradamente armado).

Outro tipo de unidade fraseológica categorizado por Zuluaga (1980) são as locuções. Ele aproveita o conceito proposto por Casares (1950, p. 170 *apud* Zuluaga, 1980, p. 141) para definir as locuções:

Combinações estáveis (= fixas) de dois ou mais termos que funcionam como elementos oracionais. (tradução minha)⁵

As locuções poderiam ser, primeiramente, distintas entre aquelas com função meramente gramatical (preposicionais, conjuntivas) ou aquelas que apresentam valor semântico, categorial. Porém, elas incitam uma discussão sobre sua distinção com a palavra propriamente dita, pois se se estabelece que as locuções sejam formadas por dois ou mais termos, tem-se também neste contexto as palavras compostas (p.e. *contagotas*). A distinção entre a palavra composta e as locuções apresenta algumas

⁵ “combinación estable (= fija) de dos o más términos que funciona como elemento oracional”. (Zuluaga, 1980, p. 141)

dificuldades tanto com relação à sua formulação teórica como com sua aplicação prática na análise dos fatos concretos.

Certamente tanto as locuções como os compostos são signos complexos formados mediante a fusão de outros signos, podem apresentar a mesma estrutura quanto à sua forma, apresentam coesão entre seus componentes de tal modo que só podem ser modificados globalmente, ambos constituem unidades de sentido e podem cumprir na frase a mesma função sintática que a palavra simples.

Porém, existe um critério básico geral para distinguir as palavras compostas e as locuções: é o caráter regular e gramatical das palavras compostas, ou seja, cada palavra composta é produto de um procedimento morfossintático e semântico (p.e. *antisocial*). Resumindo, na língua existem regras para a formação dos compostos, mas não existem regras para a formação das locuções.

Nas palavras compostas, os componentes são identificáveis pelo falante. A relação sintática e as modificações formais a que são submetidos para se fundirem em uma unidade são sistemáticas; o significado de cada componente em isolado tem uma relação identificável e regular com o sentido total da palavra composta. Um signo composto que não apresente uma das características anteriores é uma expressão fixa e pode ser uma locução. (Zuluaga, 1980, p. 142)

Em uma análise geral a partir das discussões propostas por Zuluaga (1980) quanto às unidades fraseológicas com relação aos seus aspectos gramaticais e semânticos, pode-se inferir que a fixação fraseológica e a idiomaticidade são fenômenos lingüísticos diferentes.

A fixação fraseológica se descreve como o bloqueio de alguma regra de combinação dos elementos do discurso e se explica como resultado de um processo de repetição de produtos de fala em sua forma dada, até ser institucionalizada como uma unidade da língua. Este tipo de repetição é distinto de outros, que explicam diferentes fatos da linguagem, como o plágio, paródia, etc.

Por outro lado, para que uma combinação fraseológica idiomática, ou idiomatismo, se apresente faz-se necessário que alguns dos seus componentes ou todos eles e/ou sua relação não possuam identidade própria ou autonomia semântico-funcional.

1.5 – Cultura e tradução

Para começar as considerações acerca da relação entre tradução e cultura, primeiramente é importante tecer algumas considerações sobre o processo de tradução e sua natureza. A tradução é um processo lingüístico ou cultural? Esta pergunta foi realizada por Vermeer (1992, p. 37) que, após algumas discussões sobre a linguagem, a tradução e a cultura chegam à conclusão de que apesar de, normalmente, pensar-se a tradução como um processo de transferência lingüística, ela é, ao mesmo tempo, um processo cultural, já que a língua é parte da cultura. A tradução envolve tanto os fenômenos e processos lingüísticos quanto culturais e, logo, é um procedimento tanto lingüístico quanto cultural e, como a língua é parte de uma cultura específica, a tradução pode ser entendida como um fenômeno cultural lidando com culturas específicas: a tradução é um processo de transcendência cultural (Vermeer, 1992, p. 40).

Os estudos recentes da tradução têm dedicado ênfase cada vez maior à cultura e à formação de conhecimentos culturais. O contraste entre as formas de expressão das línguas em contato desperta a consciência lingüística do tradutor em formação (Ridd, 2004). Essas formas de expressão variam conforme a cultura. O tradutor deve ter uma visão muito apurada da sua própria cultura, além da cultura alvo. A consciência crítica não deve se restringir ao texto a ser traduzido, deve passar por leituras extras que permeiem outros aspectos a serem analisados durante o processo da tradução. Dentre estes outros aspectos, os sócio-culturais devem receber uma atenção especial.

Aprender a traduzir significa necessariamente aprender a ‘ler’. (...) Aprender a ‘ler’ significa, portanto, aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam ‘aceitáveis’ para a comunidade cultural da qual participa o leitor.” (Arrojo, 1986, p. 76)

Neste sentido, compreender o texto é saber posteriormente descrevê-lo, dialogar sobre ele, discutir nuances de suas informações, como se fosse um especialista na área de conhecimento. Essa é a tarefa do tradutor. E, quando todas as nuances tiverem sido entendidas, cada sombra da mensagem deve ser recapturada em um conjunto de sistemas completamente diferente, com todas as proporções mantidas.

Existem palavras ou expressões tão arraigadas em uma cultura que são quase impossíveis de se traduzir – verbalmente ou não – em outra. *Quantas alusões culturais,*

referências históricas, trocadilhos, piadas locais e outras coisas perdemos nos milhares de textos que parecem não exigir tradução? (Robinson, 2002). A compreensão do texto a partir consciência crítica dos aspectos culturais de determinada sociedade permite ao tradutor encontrar soluções para problemas como estes. Deve ser enfatizado que a consciência crítica da linguagem se desenvolverá como resultado do conhecimento das formações discursivas investidas de construtos ideológicos. Ela surge para desafiar os estudos da linguagem que trata os objetos a serem descritos como neutros, menosprezando o caráter ideológico embutido em seus discursos.

Várias pesquisas relacionadas aos estudos da tradução têm enfatizado a importância de uma maior consciência crítica por parte do tradutor. O processo tradutório implica, entre outras competências, uma competência comunicativa que envolve as habilidades de análise textual como uma tentativa de desenvolver estratégias de compreensão e leitura que poderão fazer com que um tradutor noviço possa se tornar atento às especificidades do texto.

Os aspectos culturais de determinada língua estão embutidos no texto e a interpretação deste pelo tradutor passa por uma análise crítica detalhada. De acordo com Lefevere (1992) as línguas são diferentes e nenhum treinamento para tradutores provavelmente será capaz de reduzir esta diferença. Os treinamentos podem, no entanto, alertar os futuros tradutores sobre a relatividade da poética da tradução e das estratégias que podem ser utilizada para projetar a imagem do original, que pode ser influenciada por várias considerações, não apenas ideológicas e/ou poéticas, mas também com relação ao público alvo. E tais estratégias operam entre outros níveis, no do Universo do Discurso.

Tendo em vista essa adequação do texto à língua alvo, não apenas no sentido do léxico ou gramatical, os pesquisadores da área estão cada vez mais voltados à importância de uma leitura crítica na compreensão do texto e na compreensão da cultura nele presente.

1.6 – Cronologia da teoria de tradução

Apesar dos esforços iniciais para o desenvolvimento dos Estudos da Tradução, a até bem pouco tempo atrás os tradutores profissionais ainda tinham um conjunto determinado de características necessárias ao bom profissional. Ser bem informado sobre uma área de tradução específica, ser especializado em terminologia e possuir uma competência lingüística similar à de um nativo em, pelo menos, duas línguas pareciam ser as qualificações necessárias para o desenvolvimento de uma tarefa de tradução. Ainda hoje, vários profissionais e, até mesmo, alguns professores de tradução, afirmam ser inútil estudar uma teoria de tradução, sendo que esta não ajudaria os tradutores em seu cotidiano.

Esta linha de pensamento prevê um conhecimento razoável de línguas estrangeiras e alguns bons dicionários. Porém, eles se esquecem que existe uma diferença entre o conhecimento real e o procedimental. Esta distinção foi percebida por Wolfram Wilss (1993 apud Kussmaul 1995, p. 1), sendo que o conhecimento real é o conhecimento das áreas e das terminologias específicas a elas, tanto quanto o conhecimento de línguas estrangeiras – o que é essencial ao trabalho do tradutor. Mas de nada adianta esse conhecimento, se o tradutor não souber como organizar estruturalmente seu texto, i.e. com estruturas lógicas coerentes e que este seja interessante ao leitor. Não basta conhecer a terminologia mais adequada, é necessário saber como distribuir essa terminologia na produção textual. Para Kussmaul, a tradução não é apenas uma troca de palavras e estruturas, mas um processo comunicativo que leva em consideração o leitor da tradução dentro de uma situação particular em uma determinada cultura. É exatamente este o foco de interesse dos Estudos da Tradução.

De acordo com Albir (2001) a tradução implica na transferência de sentido de um texto em uma língua fonte para uma língua alvo. Essa transferência envolve um processo mental com sofisticadas habilidades de processamento de informações. Neste ponto, entende-se comunicação e tradução como uma troca de informações.

Os Estudos da Tradução representam um campo interdisciplinar pois, para treinar especialistas em uma área específica, os métodos científicos relacionados à tarefa de tradução devem ser ensinados, assim como a terminologia adequada. Logo, durante o treinamento, o sujeito deve perceber a tradução além dos limites da linguagem. A

investigação dos processos de compreensão e produção textual envolve fatores psicológicos, psicolinguísticos e, até neurofisiológicos.

Porém, a disciplina nem sempre foi objeto de interesse dos estudiosos, com relação aos seus aspectos cognitivos. As pesquisas na área se iniciam com a busca por um equivalente textual e se aprimoram até alcançar o estágio atual em que não se cogita que o processo tradutório aconteça fora dos limites da cognição.

Catford (1980) estabelece uma teoria de tradução, introduzindo um novo grau de precisão na análise do que está envolvido na operação de traduzir de uma língua para outra, considerando a complexidade do trabalho do tradutor. Para tanto, ele estabelece a unidirecionalidade do processo, ou seja, uma tradução sempre se realiza partindo de uma Língua Fonte (LF) para alcançar uma Língua Meta (LM) e, dentro deste contexto, é utilizada a substituição de material textual por outro equivalente na LM.

Podemos observar que o produto final não será a tradução do material textual em sua totalidade, mas, a sua substituição da LM para equivalentes em LF. Portanto, de acordo com Catford:

O uso da expressão *material textual* sublinha o fato de que em condições normais não é a totalidade de um texto de LF o que se traduz, isto é, o que se substitui por *equivalentes* da LM. A um ou mais níveis de língua pode haver simples substituição por material não equivalente da LM... (1980, p. 23)

Em 1982, Newmark considera a importância do tradutor devido à formação de estados independentes, empresas e negócios multinacionais focalizando a importância política do trabalho em questão. Com essa nova visão, ele procura estabelecer uma teoria em que os profissionais tenham condições de interpretar o texto para que a idéia geral não perca seu sentido. O aspecto político do ato tradutório exige que o trabalho seja desempenhado por profissionais altamente capacitados e, para tanto, eles devem ter uma visão crítica. Para ele, a teoria da tradução se deriva dos aspectos linguísticos comparativos, principalmente a semântica. Todos os aspectos da semântica estão diretamente relacionados com o ato de traduzir.

Não basta mais traduzir por traduzir, mas ter um conhecimento geral sobre o que se traduz para que a qualidade do texto possa ser mantida. Com essa maior abrangência do papel do tradutor, a diferença entre se traduzir um texto técnico e literário perde sua

importância. Enquanto o texto literário tem uma visão mais alegórica, o técnico possui uma intenção representacional importante.

Porém, não importa em que categoria esteja o texto, o seu tradutor deve saber conduzir o trabalho da forma mais fidedigna possível, seja transparecendo a emoção do texto literário, seja transmitindo a seriedade do texto técnico. Mesmo assim, Newmark (1982) considera uma inevitável perda de sentido devido aos diferentes valores sócio-culturais que envolvem ambos escritor e tradutor. Para ele:

A tradução é uma arte que consiste em tentar substituir uma mensagem e/ou frase escrita em uma língua pela mesma mensagem e/ou frase em outra língua. Cada exercício envolve algum tipo de perda de significado, devido a inúmeros fatores. Provoca uma tensão contínua, uma dialética, um argumento com base nas afirmações de cada língua. A perda básica está em um continuum entre o excesso de detalhes ou de generalização na tradução. ⁶ (tradução minha) (1982, pg. 7)

Posteriormente, Campos (1986) fornece um enfoque mais específico sobre o papel do tradutor, comentando as diferentes técnicas utilizadas até então e suas influências sobre os diferentes tipos de trabalho, tanto quanto a utilização dos meios automáticos, onde se utilizam máquinas mais ou menos sofisticadas no processo da tradução, enfatizando também os casos em que o tradutor é escolhido de acordo com o texto a traduzir. Ele faz uso do intercâmbio de experiências e conhecimentos entre os povos. Para ele a universalidade cultural depende do processo da tradução, pois não existe povo tão isolado que possa dispensar os conhecimentos e experiências dos outros povos. Ele parte do pressuposto de que todo texto é traduzível, ou seja, para cada riqueza vocabular e sintática em uma LF, existe um pensamento ou sentimento correspondente em qualquer outra língua humana.

No entanto, são utilizadas diferentes técnicas que se adaptam aos diferentes textos e, então surgem as “máquinas de traduzir”, os meios mecânicos de se obter uma tradução. Porém, por mais moderno que esse meio possa ser, ele não tem a sensibilidade humana para discernir entre o termo mais adequado a determinada situação, sendo de

⁶ *Translation is a craft consisting in the attempt to replace a written message and/or statement in one language by the same message and/or statement in another language. Each exercise involves some kind of loss of meaning, due to a number of factors. It provokes a continuous tension, a dialectic, an argument based on the claims of each language. The basic loss is on a continuum between overtranslation (increased detail) and undertranslation (increased generalization).* (Newmark, 1982, pg. 7)

utilidade apenas como um dicionário amplo de acesso rápido, ficando sob responsabilidade do próprio tradutor dar o enfoque ideal ao texto traduzido.

Com uma visão mais contemporânea, Bell (1991) desenvolve um modelo de tradução centrado na competência do tradutor como base para todo o processo. Para tanto, ele propõe três modos com os quais a competência do tradutor pode estar relacionada. O primeiro é a caracterização da competência bilíngüe ideal, onde o tradutor seria visto dentro de um sistema de realizações completamente sem defeitos. Outro modo é considerar a competência do tradutor como um sistema especializado contendo uma base de conhecimento e um mecanismo de inferência. Por último está a caracterização de uma competência comunicativa, na qual podem ser incluídas as competências estratégicas e gramaticais.

A importância do papel do tradutor alcança seu apogeu em Hewson e Martin (1991) em que o “operador da tradução” é considerado o centro da aproximação variacional, ou seja, ele utiliza técnicas (gramaticais e culturais) para que, com toda a variação existente de uma língua para outra, ele possa alcançar a maior aproximação do original para a eficácia da tradução. Elaborando uma teoria de tradução, ele também considera a competência, porém relacionada a outros aspectos. O conhecimento de, no mínimo, dois sistemas lingüísticos e da cultura e da linguagem a eles associadas é o primeiro aspecto relacionado. Em seguida, existe a competência dissimulada, que inclui uma aptidão em saber quando e como dissimular e criar frases homólogas ao texto e uma aptidão para definir e recriar as normas sócio-culturais da LM. Finalmente, existe a competência transferida, que não é inata ao tradutor, mas está relacionada aos meios utilizados como auxiliares no processo, os quais podem-se citar, por exemplo, os métodos de tradução, banco de dados e dicionários.

Nord (1992) analisa o processo do ponto de vista do ensino da tradução que engloba algumas das competências já mencionadas. De acordo com ele, o método de ensino da tradução está envolvido com:

A competência de recepção e análise do texto, competência da pesquisa, competência de transferência, competência da produção do texto em LM, competência da avaliação da qualidade da tradução e, é claro, a competência lingüística e cultural em ambas LF e LM que são os principais pré-requisitos no ato tradutório. (1992, p. 47)

Campbell (1998), complementando tais conceitos contemporâneos, considera o tradutor um canal de comunicação possuidor das habilidades lingüísticas e cognitivas que tornam possível o ato de traduzir. Para ele, o estudo dos textos em LM é insuficiente, visto que há a necessidade de se trabalhar em isolado com fatores que podem afetar a eficácia da tradução. Logo, qualquer concepção em um contexto mais amplo admite a importância do tradutor.

Considerando mais especificamente a influência dos aspectos culturais no processo de tradução, a Teoria dos Polissistemas (Even-Zohar, 1990) permite uma análise do lugar que a cultura assume na tradução. O olhar do tradutor perante o texto original e a cultura do original é refletido na tradução, sendo que esse original tanto pode ser visto como central ou periférico à cultura do tradutor. As suas escolhas ao longo da tradução permitem distinguir se ele privilegia uma tendência em detrimento da outra ou não.

Ao se considerar a cultura externa como central há uma prevalência de elementos típicos da cultura originária. Pelo contrário, quando a cultura externa é considerada como periférica os elementos estranhos à cultura da língua de chegada tendem a ser homogeneizados, sem o dever de reconhecer a origem dos elementos.

Outra contribuição diz respeito à distinção proposta por Toury (apud Vieira 1996) quanto à aplicabilidade dos princípios da adequação e aceitabilidade. Ao ver a cultura externa como central, o tradutor se concentra nas características de língua, estilo e elementos culturais do original, aplicando-se assim o princípio da adequação. Porém, ao ver a cultura externa como periférica, a intenção do tradutor é que o texto seja compreensível na língua receptora e, para tal, a linguagem e o estilo tendem a ser adequados às convenções lingüísticas e literárias da língua de chegada.

Porém, apesar dessa distinção proposta por Toury (apud Vieira 1996), nada impede que o tradutor faça uso, no mesmo texto, de ambas as tendências.

Para Bassnett (2002) caso a ênfase seja na cultura receptora, o texto de chegada, mesmo com as devidas considerações quanto às convenções da língua de chegada, deve ser produzido de modo que corresponda à sua versão na língua de partida. Pois o tradutor pode não ser o autor do texto na língua de partida, mas como autor do texto na língua de chegada tem uma responsabilidade moral para com seus leitores.

Finalmente, a obra de Antoine Berman (2002) mostra-se importante para esta análise ao discutir questões relacionadas à posição do estrangeiro na cultura receptora (estrangeirização x domesticação). Através do não-etnocentrismo, Berman discute como

a transmissão de elementos culturais próprios da língua de partida pode ser realizada, de modo perceptível e compreensível aos leitores da língua de chegada. De acordo com Schleiermacher (*apud* Berman 2002), “a língua não poderá desenvolver a sua verdadeira força a não ser através dos contatos mais freqüentes com o estrangeiro”.

1.7 – Teoria de tradução de fraseologismos

A sabedoria popular sempre fez uso das expressões idiomáticas – exemplo prático que denota a dinamicidade da língua e suas mutações. Os fraseologismos se apresentam no discurso carregados de nuances culturais e específicas de um povo e, logo, tem seu local privilegiado em uma determinada língua e cultura. Cabe ao tradutor a difícil tarefa de traduzir estes traços culturais tão peculiares.

A tradução dos fraseologismos apresenta um sem número de problemas e a requer a conseqüente tomada de decisão ao tradutor. Neste sentido, o tradutor necessita identificar e reconhecer os fraseologismos na língua de partida além de transpor estes fraseologismos para a língua de chegada, procurando manter na outra língua os mesmos efeitos que o texto original causava no leitor. No entanto, este processo de identificação do fraseologismo, compreensão e busca de uma tradução que produza o mesmo efeito na língua de chegada que o original possuía na língua de partida implica uma longa reflexão por parte do tradutor, já que estas estruturas normalmente não obedecem aos procedimentos comumente utilizados pelo tradutor.

A tradução dos fraseologismos é diferente da tradução de palavras isoladas, pois o conjunto de palavras que os formam carrega a história da língua, da cultura e dos povos que os geraram. Estes traços fazem com que os fraseologismos, às vezes, possuam peculiaridades lexicais, sintáticas e semânticas, e cabe ao tradutor perceber/reconhecer estas marcas de expressividade para que estes traços do passado não passem despercebidos aos olhos do leitor do texto na língua de chegada.

Os casos a seguir analisados podem ser considerados exemplos dos traços característicos acima mencionados:

a) exemplos de fraseologismos em que um (ou mais) dos constituintes é um arcaísmo:

Procurar agulha no palheiro (Palheiro = f.hist. 1124 *palleario*, Sxiii *palieiros*, 1600 palheiro – Designava o armazém de madeira em que certos salineiros guardavam a produção das salinas) (Houaiss, p. 2210)

Virar casacas (Casaca = fr *casaque* ‘vestimenta, sobretudo com grandes mangas’ (1413), de orig.obsc; ver *casac-*; f. hist. C1574 *quasaqua*) (Houaiss, p. xx)

b) exemplos de fraseologismos que subvertem a construção sintática do verbo:

Dar um gelo

Engolir sapos

Falar pelos cotovelos

Fazer tempestade em copo d’água

c) exemplos de fraseologismos que usam uma linguagem coloquial:

Baixar a crista de alguém

Dar bola para alguém

Levar pau

d) Exemplo de fraseologismo que acentua traços específicos de um povo:

Botar o carro na frente dos bois.

Normalmente, nos fraseologismos, estão embutidas as metáforas. Estas metáforas formam o sentido contextual que lhes dão sentido, o sentido pelo qual são reconhecidos hoje e que não se forma pela simples soma dos léxicos presentes em um fraseologismo.

Um exemplo clássico pode ser:

Bater as botas

O sentido contextual – morrer

O sentido ao pé-da-letra: bater + as + botas – pegar um par de botas e bater um pé do sapato no outro.

O sentido metafórico dos fraseologismos se fixou com o passar dos anos e com a história e a utilização de termos arcaicos (‘casaca’, ‘palheiro’) denotam que estes fraseologismos já existiam em um passado relativamente longo. Por outro lado, estes fraseologismos carregados de sentido metafórico são próprios de uma língua e de seu

povo e sua tradução ou substituição por um equivalente com mesmo sentido em outra língua, pode fazer com que se perca a riqueza do povo e da língua de origem, em proveito da riqueza do povo e da língua de chegada. De acordo com Schleiermacher (*apud* Berman 2002), *a língua não poderá desenvolver a sua verdadeira força a não ser através dos contatos mais freqüentes com o estrangeiro*. E, se se pensa na divulgação da cultura brasileira aos falantes de outras línguas, espera-se que tais características de identidade cultural do texto de origem sejam preservadas para que o leitor da tradução identifique esse elemento estrangeiro no texto e amplie seus conhecimentos quanto à cultura do Outro, reconhecendo suas peculiaridades e seu valor.

Cabe ao tradutor enfrentar este dilema e saber reconhecer, com pertinência, que caminho seguir durante o percurso. Mesmo a palavra individualizada abre mão de sua independência para, juntamente com outras palavras, estabelecer relações mais ou menos rígidas criando um determinado sentido metafórico e, mais uma vez, o tradutor terá que lidar com as opções disponíveis ao longo do processo, correndo os riscos da sua tomada de decisão.

Como ficaria a questão do empobrecimento do texto de partida em detrimento do texto de chegada, com relação à sua expressividade, ao se substituir estas referências tão particulares?

Qual seria a opção do tradutor ao se deparar com traços tão intrínsecos? Que caminho percorrer?

Berman (1985, p. 80) discute qual deve ser o nível de consciência da lexicalização, que esta deve ser inerente à própria linguagem. Para ele, deve-se privilegiar a literalidade, porém sem perder o jogo fônico e as melodias existentes nos fraseologismos. Assim, o tradutor permitiria ao leitor ter um olhar sobre a cultura da língua de origem, com conseqüente redução do etnocentrismo de alguns tradutores.

Quando o tradutor decide por manter a lexicalização da língua de partida, ele permite que o texto tenha estruturas que, muitas vezes, não existem na língua de chegada e podem causar estranhezas ao discurso, que podem passar despercebidos pelo leitor. Mas Berman (1985, p. 80) alerta que esta lexicalização não deve ser confundida com a tradução literal do fraseologismo, mas com a preservação de características próprias dos fraseologismos. Este fato pode ser observado em alguns dicionários, por exemplo:

Bater as asas = to flap the wingst

Estes exemplos ilustram casos de dicionários bilíngües que traduzem os fraseologismos procurando manter a literalidade, mas não necessariamente utilizando um fraseologismo ‘equivalente’ na língua de chegada. Como consequência, tais traduções podem parecer estranhas na língua de chegada, que pode não ter conhecimento do sentido metafórico ao qual ela se refere.

Seguindo a categorização proposta por Misri (1990) a tradução dos fraseologismos levaria em consideração os seguintes aspectos:

a) traduzir o fraseologismo por um ‘equivalente’ preexistente

Aparentemente a solução mais simples, já que para um fraseologismo na língua de partida, haverá um equivalente na língua de chegada.

Dar com a língua nos dentes - To let the cat out of the bag

Baixar a crista de alguém /To take somebody down a peg or two

b) traduzir o fraseologismo a partir de uma equivalência de situação.

Neste caso, não existe uma equivalência direta da expressão na língua de partida para a expressão na língua de chegada, mas de situação contextual na língua de partida para uma situação contextual na língua de chegada. Neste caso, o sentido da expressão é preservado, em detrimento do valor idiomático do texto.

Chorar de barriga cheia = to complain for no reason

c) traduzir literalmente palavra a palavra, com nota de rodapé

Esta solução, conforme proposta de Berman (1985, p. 80), privilegia a tradução literal palavra a palavra, tentando manter o máximo de características do texto original, mesmo que este possa causar estranheza na língua de chegada. Uma nota de rodapé auxiliaria na compreensão, apesar de que a leitura tende a ser mais carregada.

Abrir os olhos de alguém = To open somebody's eyes

* *na nota de rodapé poderia ter uma expressão correspondente em inglês, ou a explicação para melhor entendimento do leitor.*

d) traduzir por um equivalente pré-existente, com nota de rodapé

O objetivo aqui é manter o texto de chegada inteligível, porém procurando não perder a riqueza do texto de partida, sendo que caberia à nota de rodapé explicar o fraseologismo com sua tradução literal.

Estar às moscas = To be deserted

* Com a tradução literal do fraseologismo na língua de partida, seguida de uma explicação.

Misri (1990, p. 143) argumenta que estas sugestões se dão ao nível da língua e não do discurso. Para ele, os fraseologismos ganhariam autonomia se fossem situados ao nível do discurso, inseridas em um ato de comunicação. Assim, caberia ao tradutor lidar com a subjetividade do ato de comunicação durante o seu processo de tomada de decisão. Normalmente, o tradutor procura interpretar o sentido que o autor do texto original queria dar ao texto para reproduzi-lo em outra língua, procurando causar no leitor do texto de chegada o mesmo efeito que o leitor do texto de partida teve.

Em sua análise sobre a tradução dos fraseologismos à luz da teoria da tradução, Misri condena a tradução literal e cria um arcabouço teórico voltado à equivalência⁷. Porém, contrário a esta visão, Berman (1985) acredita que a substituição de um fraseologismo por seu equivalente pode levar à *destruição das expressões*. Para ele, o ato da tradução não diz respeito a procurar equivalentes na língua de chegada, mas trabalhar com o jogo de palavras, os efeitos, os sons. A tradução deve ser entendida como um processo de interação com outras culturas, outros povos e, por isso, lida com os contextos culturais específicos destas culturas, destes povos que muito dificilmente encontrarão um equivalente em outra língua.

Se se considera que os fraseologismos constituem o a sabedoria popular, e estão imbuídos da história de uma língua, eles estão impregnados de valores cristalizados ao longo dos tempos que, apesar de parecer estranho a quem é alheio a esta cultura, parecem transparentes para seus falantes. Logo, Berman (1985) defende que várias teorias deveriam ser acionadas durante o processo de tradução, levando mais em consideração a experiência e a reflexão, do que a teoria e a prática. A experiência em conjunto com uma reflexão cautelosa orientará o tradutor na escolha da melhor opção frente aos riscos da tradução dos fraseologismos.

1.8 – A criatividade na tradução dos fraseologismos

Para Kussmaul (1995), os processos criativos estão relacionados a processos bem-sucedidos, porém a recíproca não é verdadeira – existem processos bem-sucedidos

⁷ Cf. Misri (1990), pp. 143-163

que não necessitam de criatividade (p.e. paráfrases, a automatização do processo tradutório, etc.) e estes fazem parte da rotina do tradutor experiente.

O conceito de tradução criativa relaciona-se com o uso de modo não previsto e não-institucionalizado da linguagem (Wilss 1988 *apud* Kussmaul 1995, p.39) ou com a seleção de uma variante de tradução não-determinada por regras (Alexieva 1990 *apud* Kussmaul 1995, p.39). Logo, a criatividade na tradução prevê um elemento surpresa, singular ou ao menos não-usual, mas ao mesmo tempo deve preencher certas necessidades e se encaixar na realidade.

Os processos mentais que acontecem durante a tradução criativa podem ser descritos em quatro fases (Poincaré 1913 *apud* Kussmaul 1995, p.40) que podem acontecer simultaneamente: 1. Preparação; 2. Incubação; 3. Iluminação; 4. Avaliação.

A fase de preparação envolve a cognição, onde os problemas são percebidos e analisados e a informação relevante e o conhecimento são acumulados. Esta fase parece ser similar ao estágio de compreensão do texto fonte no processo tradutório, no caso deste estudo, a compreensão dos aspectos culturais embutidos no fraseologismo a ser traduzido. Apesar do tradutor não ter a mesma liberdade que o escritor, nesta fase ele precisa, conscientemente, reconhecer o problema e formar algumas hipóteses sobre possíveis soluções que envolvam a criatividade.

Durante essa compreensão do problema surge o questionamento sobre a existência ou não de uma compreensão criativa na leitura já que, o autor defende, após algumas leituras de um mesmo excerto, surgem outras possíveis interpretações. Ou seja, a compreensão não existe apenas com base no que é lido ou ouvido, mas na experiência e conhecimento pessoais, o que a torna, também, um processo produtivo.

Conforme Guilford (1975 *apud* Kussmaul 1995, p.41), a base do processo criativo é o que ele denomina “fluência”, ou seja, a capacidade de fazer associações ou ter idéias sobre um determinado problema em um curto espaço de tempo. Esta fluência exerce um papel importante durante a fase da incubação. Quando o pensamento se torna fluente, as considerações semânticas parecem surgir, o que leva o tradutor a tomar soluções criativas adequadas. Mas acontece que, às vezes, o tradutor se vê estagnado perante um problema e a solução não surge. Kussmaul propõe, de acordo com Preiser (1976 *apud* Kussmaul 1995, p. 43) e Ulmann (1968 *apud* Kussmaul 1995, p. 43) que exista um período de relaxamento físico e psicológico que torne o processo criativo possível. O que parece acontecer é que durante estes períodos de relaxamento o

processo consciente do tradutor se afasta da tarefa imediata e ele não se sente impelido em encontrar uma solução para o problema, mas ao mesmo tempo a atividade mental continua em seu subconsciente.

Na fase de incubação (tanto quanto na de iluminação) o tradutor está de frente a um problema e um número de respostas possíveis, e necessita encontrar uma alternativa lógica – o que acontece através da fluência do pensamento. Esta atividade é denominada por Guilford (1975 *apud* Kussmaul 1995, p. 44) de produção divergente, que difere da produção convergente já que esta procura uma solução partindo da natureza de uma informação ou de um problema.

Após perceber o problema e alcançar a fluência do pensamento, o tradutor passa ao processo de encontrar uma solução para o problema – fase de iluminação. Este momento está relacionado a uma mudança de foco do tradutor, ele se distancia da forma lingüística do texto na língua de origem e produz um texto na língua alvo que possua o mesmo sentido ou função do anterior, porém através de diferentes formas lingüísticas.

O que Kussmaul considera como pensamento divergente, Hönigs (1990 *apud* Kussmaul 1995, p. 47) denomina uma interação entre cognição e intuição. Para Hönigs a mudança de estratégia é consciente, mas Kussmaul observa, através da tradução dos limeriques, que nem sempre esse processo é consciente. O ponto importante é que o pensamento divergente acontece, consciente ou inconscientemente.

A fase de avaliação está interligada às fases de incubação e iluminação. Kussmaul observa que a falta de avaliação durante tais fases, leva à perda de boas idéias. Em certos momentos há uma grande produção por parte do tradutor, em que idéias estimulam novas idéias e em que a crítica construtiva melhora o texto. E, caso a avaliação não seja concomitante com tais momentos, estes estímulos podem não existir e comprometer o produto final.

O desenvolvimento do pensamento divergente e da fluência de pensamento permite uma flexibilidade à tarefa da tradução e, conseqüentemente, o tradutor será capaz de abstrair um sentido das formas lingüísticas existentes. Esta parece ser o requerimento básico que influencia a criatividade do tradutor já que a criatividade, para Kussmaul, não é um dom, mas uma característica básica da mente humana que pode desenvolvida através do treinamento adequado e utilizada na tradução.

A tarefa do tradutor envolve mais do que apenas traduzir aspectos sintáticos de uma língua para outra. Muito mais do que isto, ele deve estar atento que um texto

funciona em uma determinada comunidade de acordo com outros aspectos a ela pertinentes – aspectos culturais, sociais, etc. O sentido pragmático, conotativo de um texto é definido pela relação deste com seus usuários.

Os Estudos da Tradução se dedicam, entre outros assuntos, a estudar a análise situacional de um texto (i.e. os fatores situacionais não-lingüísticos se refletem nas formas lingüísticas).

Kussmaul se baseia no modelo de House (1977 *apud* Kussmaul 1995, p.56), que propõe as dimensões situacionais que são refletidas no uso da linguagem.

São três dimensões relacionadas com o usuário da linguagem:

- a origem geográfica: as variedades nacionais do idioma;
- a classe social: o dialeto social ou de classe;
- o tempo: as características presentes no texto que fornecem dicas sobre a sua procedência temporal.

E cinco dimensões relacionadas ao uso da linguagem:

- o meio: características de texto falado ou escrito;
- a participação: características de monólogo ou diálogo;
- os relacionamentos sociais, que podem ser de três tipos:
 - de igual para igual;
 - de uma posição inferior para uma superior;
 - de uma posição superior para uma inferior.
- a atitude social: os vários graus de distância ou proximidade social
- a área de operação da língua em atividade.

Para o autor as dimensões relacionadas aos relacionamentos e às atitudes sociais podem ser observadas com mais frequência.

A hierarquia existente nos relacionamentos sociais dependerá dos papéis que os indivíduos exercem em um determinado momento e situação. Do mesmo modo, as atitudes sociais podem variar dependendo do momento e da situação.

As dimensões situacionais podem ser relacionadas com o modelo psicolingüístico dos processos *bottom-up* e *top-down*. Ao se deparar com um fraseologismo dentro de um texto (*bottom-up*), o tradutor cria uma imagem mental da situação que tal fraseologismo evoca (*top-down*). Esta imagem mental é possível devido às relações que o tradutor faz entre o fraseologismo e as dimensões situacionais observáveis nele o que, conseqüentemente, pode fazer a diferença no produto final.

A partir da teoria dos atos da fala proposta por Austin (1962 *apud* Kussmaul 1995, p.61), os lingüistas têm estado mais alertas ao fato de que se deve inferir a intenção do falante/escritor a partir do que ele diz ou escreve. Porém, nem sempre o que é dito ou escrito possui um sentido denotativo, muitas vezes o sentido conotativo prevalece em culturas específicas. Os significados sociais são determinados pelas condições não-lingüísticas e para-lingüísticas sob as quais aparece determinado fraseologismo. Tais fatores podem ser observados, por exemplo, na fala, através do tom de voz, da expressão facial e dos gestos; enquanto que nos textos escritos essas dicas são mais difíceis de serem percebidas e deve-se levar em consideração a interpretação do texto em um contexto específico.

Gutt (1990 *apud* Kussmaul 1995, p.61) argumenta que as traduções são como o uso interpretativo da linguagem, já que o texto de origem fornece somente algumas dicas sobre o que pode ser o seu real significado e, cabe ao tradutor, através do processo de compreensão das dimensões situacionais, perceber a real intenção do autor deste.

A teoria dos atos da fala fornece as ferramentas necessárias para se determinar a função de um fraseologismo dentro do texto. Na análise textual a função de uma palavra, frase ou passagem é a referência mais importante. A partir de então, todas as outras considerações se ajustam.

Para o tradutor cabe decidir entre o que fazer com uma passagem que tem uma função somente na comunidade da língua de origem. Vários autores questionam a interferência do tradutor, já que ele não poderia ser tão livre para alterar o texto de origem, pois estaria sujeito ao autor do texto na língua de origem. Porém, ao manter uma passagem que não faz sentido na comunidade da língua de chegada, o tradutor não atenderá aos requisitos do autor do texto na língua de origem, já que a passagem não exerce nenhuma função comunicativa na língua de chegada – daí o caráter interpretativo da tradução, pois talvez retirar uma passagem sem função comunicativa para os leitores da tradução, pode não afetar a função global do texto.

Os atos comunicativos funcionam em uma cultura específica, e os tradutores sempre enfrentam problema em inter-relacionar os textos e as culturas. Situações como a tradução de fraseologismos que possuem conotação muito peculiar em determinada cultura, por exemplo, sempre são questionadas, pois fica-se a dúvida entre explicitar ou omitir o termo. Não existem regras para tais decisões. O modo mais coerente para o tradutor lidar com o problema é iniciar uma cadeia de reflexões, considerando a função

do elemento textual dentro do texto como um todo e inserir tal texto dentro de sua cultura.

Estes problemas culturais são maiores quanto maior for a distância entre as culturas das línguas de partida e chegada.

Um modo de resolver os problemas de cultura presentes na tradução seria trabalhar com a abordagem funcional através de alusões ou referências à cultura da língua do texto de origem. Porém haverá casos em que será necessário substituir o material cultural pelo existente na língua de chegada. É o que acontece com o princípio do efeito equivalente proposto por Nida (1964 *apud* Kussmaul 1995, p. 67) em que conceitos específicos da cultura da língua de origem são substituídos por conceitos específicos da cultura da língua de chegada.

O que se pode perceber, conforme Kussmaul, é que o tradutor deve analisar cada caso isoladamente com relação à função textual e à cultura da língua alvo. Caso contrário, a tradução corre o risco de ficar ininteligível. O leitor da tradução tem suas expectativas, suas normas e valores, que são influenciados pelo meio cultural em que este está inserido e a maneira como ele interpretará o texto será determinada por tais expectativas, normas e valores.

De acordo com o termo ‘modalidade’ proposto por Crystal/Davy (1969 *apud* Kussmaul 1995, p.59), os tipos de texto existem em áreas de conhecimento específicas, ou seja, na área jurídica têm-se os acórdãos, processos, alvarás, etc.

A importância do estudo dos tipos de texto se deve ao fato de que até eles são influenciados pelas dimensões pragmáticas, tais como a cultura e as situações. Dependendo das dimensões situacionais, principalmente aquelas relacionadas aos relacionamentos sociais e às atitudes sociais, os tipos de texto serão estruturados de maneira específica, por exemplo, de modo mais direto ou formal. Os textos podem ser suavizados ou modificados para que o leitor/falante não corra nenhum risco quando estiver em uma posição enfraquecida.

Logo, ambas a situação e a cultura devem ser analisadas, conforme as dimensões situacionais, para que seja determinada a forma lingüística dos textos. Durante a análise dos tipos de texto, é tarefa do tradutor determinar quais dimensões são mais relevantes, sendo que a cultura deve ser observada em relação às outras dimensões, já que pode influenciá-las.

O tradutor deve estar atento para o caráter convencional presente em determinados tipos de texto. Tempos verbais, estruturas sintáticas, entre outros podem estar presente em um tipo de texto enquanto que em outros não. Estas convenções devem ser levadas em consideração pelo tradutor para que a comunicação não seja interrompida.

A presença ou ausência de algumas convenções nos textos podem ser determinadas pelo cenário ou situação em que eles estão inseridos. As influências culturais são esperadas mais em situações que envolvem atitude e relacionamento sociais.

O significado das palavras está estritamente relacionado ao contexto, ao usuário ou às suas intenções em uma determinada situação dentro de uma cultura específica, não é um conceito que possa ser analisado isoladamente.

O significado de uma palavra pode parecer ‘fácil’ em um primeiro momento na tarefa tradutória, principalmente em situações em que este pode ser produzido sem muita reflexão. Porém, essa automatização pode levar a traduções precipitadas em que o tradutor não leva em consideração os fraseologismos, as metáforas, convenções, etc. Tais padrões são resultados do treinamento e da experiência do tradutor. Tradutores mais competentes tendem a ter tais processos internalizados e saberá usá-los com mais adequação.

A autoconsciência para reconhecer problemas – característica do tradutor mais experiente – permite o melhor entendimento e reprodução das estruturas do texto. Enquanto um tradutor menos experiente considera a tarefa da tradução tranqüila, sem maiores problemas, por não estar atento às suas peculiaridades, o tradutor experiente percebe os problemas existentes e lida com eles.

O processo tradutório pode ser interrompido por vários fatores: o tradutor pode se deparar com uma palavra que ele não conhece e cujo sentido não pode ser inferido pelo contexto; o tradutor pode conhecer a palavra, mas não o seu significado em uma determinada situação; determinada palavra pode estar expressa de um modo idiossincrático pelo autor; ou, a palavra não parece se ajustar de modo algum ao contexto. Em todos os casos citados o tradutor tem que sair do automático para a reflexão.

Normalmente, as palavras e seus significados representam o problema mais comum na tarefa da tradução. Assim que o tradutor define a função e o propósito de sua

tradução, ele tem que saber como resolver os problemas de tradução de uma determinada passagem, considerando as possíveis conseqüências em todos os níveis lingüísticos.

Perante a um problema, ao traduzir uma palavra, o tradutor deve se perguntar quais são as características relevantes no significado desta palavra em um determinado contexto com relação à função da tradução. O que não é tão óbvio, visto que os significados que o dicionário fornece podem não ser adequados ao contexto e o tradutor não precisa sempre procurar preservar as características do significado da palavra. Apesar de muitos tradutores e professores de tradução defenderem a idéia de que as palavras possuem significado, Kussmaul (1995) enfatiza que elas possuem um significado em potencial que precisa do contexto para tomar forma.

Para Nida (1974 *apud* Kussmaul 1995, p. 89) o tradutor deve procurar reproduzir o conjunto de características que compõem o texto (p.e. o barulho, a velocidade, o tempo, o estado, etc.) e fugir um pouco da máxima de que cada palavra significa uma coisa, pois sempre deve haver equivalências ao nível da palavra entre duas línguas.

O autor porém não se atenta para o fato de que quanto maior a distância entre duas línguas, mais difícil pode ser manter essa equivalência. E, também, que existem fatores (como os citados – metáforas, fraseologismos, convenções) para os quais pode não haver um equivalente no outro idioma. .

Logo, ao analisar a função de uma palavra, o tradutor ativa o seu potencial significado pelo contexto em que é utilizada, o que está de acordo com a abordagem funcional de análise textual, em que estão presentes os processos *bottom-up* e *top-down*. O contexto da história fornece a informação prévia necessária (*conhecimento top-down*) para o entendimento da palavra e de todas as suas características semânticas presentes no texto (*material bottom-up*).

1.9 – Os dicionários e os tradutores

Na maioria das vezes, os tradutores, sejam eles experientes ou não, se utilizam do dicionário como ferramenta de apoio externo, ou seja, como uma fonte de consulta

como apoio ao conhecimento internalizado da língua. Os dicionários impressos continuam a ser muito utilizados mesmo com o surgimento das novas tecnologias de apoio à atividade tradutória.

Essa noção de que ao tradutor bastava o uso do dicionário fez surgir, em tempos passados, a crença de que para se traduzir era suficiente ter um conhecimento razoável de um par de idiomas e um bom dicionário (Alves, Magalhães e Pagano, 2000:12). Esta visão contribuiu para a redução da tradução a uma atividade mecânica, inferior.

Porém, com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução, pode-se observar que houve uma mudança de perspectiva com relação à atividade tradutória. A noção de *competência tradutória* que pode ser definida como sendo os conhecimentos que o tradutor possui e que levam ao exercício adequado da tarefa tradutória (Alves, Magalhães e Pagano, 2000:13), mostra que a tradução vai além da simples utilização do dicionário; a forma como este é utilizado, juntamente com os outros recursos externos e internos que o tradutor possui vão definir a qualidade do produto final.

Normalmente o tradutor possui um dicionário monolíngüe geral de língua materna – aquele que possui os verbetes organizados em ordem alfabética, além de dicionários bilíngües e monolíngües gerais de língua estrangeira.

Esses dicionários nem sempre são suficientes como apoio externo à tarefa da tradução. Nos casos das traduções especializadas, requerem-se dicionários especializados. Mas, nesses existe, via de regra, o problema da falta de atualização (mais do que no caso dos dicionários gerais) pois, como a língua é dinâmica, torna-se praticamente impossível ter um dicionário especializado que cubra toda a área de especialização, na qual surgem, constantemente, termos novos (Rogers & Ahmad, 1998). Mesmo assim, muitas vezes os dicionários especializados e glossários são a fonte mais recorrente dos tradutores técnicos.

Os dicionários de colocações, por sua vez, permitem que o texto se torne colocacionalmente natural na língua de chegada, enquanto que os dicionários de regências e de valências garantem a correção sintática e, de certa forma, semântica da tradução.

Os dicionários bilíngües, por se tratarem de dicionários de recepção, têm seu uso restrito pelos tradutores, pois estes necessitam de muito mais informações para a produção da tradução. Mesmo assim, podem dar alguma luz ao problema de tradução. O tradutor, normalmente, ao encontrar uma palavra no dicionário bilíngüe, confere no

dicionário monolíngüe de língua estrangeira, para verificar se o significado encontrado corresponde a um lexema utilizado na língua de chegada

Os dicionários de sinônimos/antônimos também fazem parte das ferramentas de que o tradutor dispõe para a tarefa. Conforme Alves (2002:39), ao buscar a solução para um problema em vários dicionários ou no próprio dicionário monolíngüe da língua de chegada, o tradutor tem condições de utilizar esse sinônimo encontrado para relembrar uma situação ou um contexto previamente armazenado em sua memória.

Por ser a tradução uma atividade que sempre leva em consideração o contexto, nada mais útil do que utilizar os dicionários onomasiológicos ou *thesauri*. Este tipo de dicionário parte do conceito à definição, e permite que o tradutor possa expressar melhor uma idéia, escolher uma expressão melhor, ou variar, em uma determinada tradução (Welker, 2004, p.48-49).

Existem ainda outros tipos de dicionários que tornam a tarefa do tradutor menos árdua. É importante ao tradutor saber utilizá-los com consciência e muita atenção para obter a informação que lhe pode ser útil. Por exemplo, é pouco provável que um dicionário bilíngüe forneça um equivalente que possa ser inserido nos diversos textos da língua de chegada (Welker, 2004, p.197). Cabe ao tradutor a correta interpretação do texto de partida para que ela saiba fazer bom uso dos equivalentes e definições fornecidos pelos dicionários (monolíngües ou bilíngües), na busca do sentido mais adequado ao seu texto.

Outro tipo de dicionário a ser destacado como relevante para o tradutor são os dicionários de expressões idiomáticas. Os dicionários gerais normalmente possuem poucos fraseologismos (incluem-se os provérbios, frases feitas, aforismos, máximas, etc). A tradução de uma expressão idiomática, por exemplo, raramente será feita literalmente, já que sua tradução literal poderia não ser adequada ao contexto cultural da língua de chegada. O êxito da resolução neste tipo de problema dependerá do grau de conhecimento que o tradutor tenha da língua para a qual traduz e de sua habilidade em encontrar, nela, as expressões coloquiais e idiomáticas correspondentes às do texto original (Silveira, 1954, p.37). Como o objetivo desta pesquisa é analisar a funcionalidade dos dicionários bilíngües quanto à tradução dos fraseologismos, os dicionários de expressões idiomáticas, por serem mais especializados na área, não foram utilizados como referência.

CAPÍTULO 2

METODOLÓGICO-ANALÍTICO

2.1– A natureza da pesquisa

Esta pesquisa se utiliza do raciocínio indutivo para tentar responder às perguntas propostas inicialmente – este raciocínio indutivo, de acordo com Laville & Dionne (1999) parte de um enunciado particular e tenta aplicá-lo aos fatos em geral. Este raciocínio permite construir novos conhecimentos, chegando, por dedução, à ampliação destes conhecimentos.

Segundo Chizzotti (2006, p. 26), uma das características da pesquisa científica é esforço sistemático em analisar e chegar a conclusões sobre os dados levantados, com a utilização de critérios claros, método e linguagem apropriada. O autor afirma que:

a pesquisa segue uma teoria articulada que contém princípios, fundamentos lógicos e epistemológicos que sustentam a análise da realidade e que têm alcance e valor esclarecedor universal.
(CHIZZOTTI, 2006, p. 26)

Para a análise desta pesquisa foram utilizadas tanto a abordagem qualitativa, quanto a quantitativa. Laville & Dionne (1999, p. 43) explicam bem a necessidade de utilização de ambas as abordagens ao dizerem que *centralizar a pesquisa em um problema convida a conciliar abordagens preocupadas com a complexidade do real, sem perder o contato com os aportes anteriores.*

Para garantir a qualidade deste estudo, serão observados dois conceitos básicos em pesquisa: confiabilidade ou fidedignidade (interna e externa) e validade (interna e externa).

Segundo Nunan (1992) por confiabilidade interna entende-se a possibilidade de um outro pesquisador, usando os dados de uma pesquisa, chegar às mesmas conclusões

do pesquisador original. Por confiabilidade externa entende-se a possibilidade de um outro pesquisador, utilizando as mesmas ferramentas da pesquisa original, chegar às mesmas conclusões, com outros participantes. Para garantir a confiabilidade interna e externa deste estudo, o procedimento da pesquisa será minuciosamente detalhado e documentado, ainda que levando em consideração limitações de espaço.

Há vários tipos de validade em pesquisa (de conteúdo, de construto, de critérios, interpretativa, ecológica). Para os fins deste estudo, nos ataremos à discussão da validade interna e externa. Ainda segundo Nunan (1992) por validade interna entende-se a capacidade do estudo de realmente investigar aquilo a que se propõe, ou seja, as ferramentas escolhidas e a análise de dados de fato auxiliam a responder à(s) pergunta(s) da pesquisa. A validade externa tem a ver com a credibilidade e as implicações da pesquisa. Para garantir a validade deste estudo procurar-se-á na literatura corrente a identificação das ferramentas investigativas mais apropriadas e as teorias de processos de tradução mais consolidadas e atuais. É importante lembrar que a validade não está nos dados em si, mas na interpretação que se faz deles (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995).

A categorização dos dados varia com o objetivo da pesquisa, mas, em linhas gerais, diferentes autores vários autores recomendam procedimentos semelhantes. Abaixo estão os procedimentos que serão adotados para a categorização dos dados deste estudo que são, na realidade, uma compilação das sugestões dos autores citados acima:

1. Análise detalhada das traduções encontradas nos dicionários;
2. Identificação e nomeação de conceitos, criando categorias provisórias;
3. Agrupamento das traduções dos fraseologismos nas categorias propostas, segundo o enfoque da pesquisa;
4. Identificação da relação entre os dados, ou seja, das semelhanças e das diferenças existentes;
5. Identificação de repetição e/ou falhas na nomeação das categorias;
6. Renomeação e/ou criação de novas categorias, se necessário;
7. Testagem de robustez das categorias, observando se estas se relacionam a todos ou à maioria dos dados: categorias robustas possuem evidências sólidas e recorrentes entre, pelo menos, a maioria dos dados;

8. Acima de tudo, evitar “forçar” o surgimento de categorias, permitindo que as conexões apareçam com o estudo extensivo dos dados.

Tais procedimentos visam gerar dados não apenas inteligíveis, mas também passíveis de análise (HAMMERSLEY e ATKINSON, 1995) Em outras palavras, os dados primários (os fraseologismos traduzidos) serão transformados em dados secundários (as categorias geradas depois da análise de conteúdo) (COHEN e MANION, 1994) para tornar possível a teorização sobre como os fraseologismos são traduzidos nos dicionários bilíngües.

2.2 – O contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada a partir da análise de quatro dicionários bilíngües para estudantes brasileiros de língua inglesa⁸, com o propósito de verificar como os fraseologismos comumente utilizados em língua portuguesa eram traduzidos para o inglês.

A escolha dos fraseologismos se deu de forma aleatória com a utilização do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa⁹. Foram selecionados, inicialmente, 175 fraseologismos e seus significados em Língua Portuguesa.

Estes fraseologismos foram todos pesquisados nos quatro dicionários bilíngües propostos. Em seguida, foram excluídos os fraseologismos em que nenhuma ocorrência foi encontrada em nenhum dos dicionários bilíngües.

Então, dos 175 fraseologismos iniciais, 103 fizeram parte do corpus utilizado para análise. Após serem encontradas as traduções destes fraseologismos, partiu-se à

⁸ COLLINS, *Collins Dicionário Português-Inglês / Inglês-Português*, São Paulo: Collins Disal, 2006
MICHAELIS, *Dicionário Michaelis Escolar Inglês-Português / Português-Inglês*. São Paulo: Melhoramentos, 2002
LONGMAN, *Dicionário Escolar Inglês-Português / Português-Inglês*. Harlow: Longman, 2004
OXFORD, *Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês – Inglês-Português / Português-Inglês*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

⁹ HOUAISS, A. (Ed.) *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Houaiss; Objetiva, 2001

análise utilizando uma categorização proposta a partir da categorização de Misri (1990).

As traduções dos fraseologismos foram classificadas em:

- a – fraseologismo traduzido por um equivalente pré-existente.
- B – fraseologismo traduzido a partir de uma equivalência de situação.
- C – fraseologismo traduzido literalmente, palavra por palavra.
- D – fraseologismo traduzido por um significado diferente do original.

Cabe explicar que os fraseologismos encontrados nos dicionários foram adequados aos fraseologismos propostos, desde que esta adequação não interferisse no seu significado final.

Por exemplo, no caso do fraseologismo proposto *ir com a cara de alguém*, um dos dicionários não tinha como verbete *ir com a cara de alguém*, mas **não** *ir com a cara de alguém* e tinha como tradução para a Língua Inglesa *not to like somebody*. Este fraseologismo não foi descartado e, para fins de análise, presumiu-se que a tradução para o fraseologismo inicialmente proposto seria *like somebody*.

Houve a necessidade, também, durante a análise de se verificar se as traduções apresentadas pelos dicionários tratavam-se de fraseologismos assim reconhecidos em Língua Inglesa ou não. Como seria possível classificá-las de acordo com as categorizações propostas sem averiguar, na Língua Inglesa, qual era o tratamento dado a elas?

Logo, para que as traduções dos fraseologismos fossem classificadas durante a análise, foi verificado junto à ferramenta de busca Google qual a ocorrência destas traduções em Língua Inglesa e em que contexto apareciam.

Caso elas tivessem seu uso cristalizado no Google ou fossem reconhecidas em sites em Língua Inglesa como *idioms*, elas foram categorizadas como sendo traduções por um equivalente pré-existente.

Caso tais traduções não tivessem seu uso cristalizado no Google, nem fossem reconhecidas como *idioms*, mas estivessem relacionadas a uma explicação do fraseologismos em português para que o leitor da Língua Inglesa pudesse compreender seu sentido, eram classificadas como sendo traduções por um equivalente de situação.

Caso os fraseologismos tivessem uma tradução literal, e esta não fosse reconhecida como cristalizada ou como um *idiom*, eram classificados como sendo traduções literais.

2.3 – A escolha dos dicionários

Os dicionários escolhidos tinham todos a mesma finalidade – ser utilizado como material de apoio para estudantes de inglês como língua estrangeira, conforme pode-se observar a seguir, pelas características de cada um.

Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês

- Possuir mais de 68.000 palavras, expressões e exemplos de uso, e cerca de 78.000 traduções.
- Pronúncia do inglês britânico e americano.
- 4.500 palavras e expressões novas.
- 24 páginas de dicionário temático ilustrado.
- Oxford 3000 – exclusivo sistema que identifica as palavras de uso mais freqüente e que o aprendiz precisa saber. Palavras sinalizadas pelo símbolo.
- 24 páginas de estudo que estimulam o estudo independente.
- Mais de 600 notas de gramática, cultura e vocabulário que ajudam o estudante a sanar dúvidas rapidamente.

Michaelis – Dicionário Prático de Inglês

- Possui mais de 38.000 verbetes inglês-português / português-inglês.
- Divisão silábica dos verbetes.
- Notas sobre questões gramaticais e sobre o uso adequado de palavras e expressões inglesas.
- Um apêndice sobre temas diversos para consultas do dia-a-dia, como conjugação de verbos em português, lista de verbos irregulares, numerais, conversão de medidas, pesos, temperaturas etc.

Longman Dicionário Escolar – Inglês-Português / Português-Ingês

- 127.000 verbetes atualizados.
- Inclui novas palavras como, por exemplo, *blogosphere* e *smartphone*.

- Foi redigido com o auxílio de um corpus de inglês e um novo corpus de português do Brasil (um banco de dados do português escrito e falado atualmente). Isto significa que tanto o inglês como o português usados no dicionário são atuais e relevantes.
- 250 quadros explicativos e 1.000 notas sobre palavras-chave ou problemas de tradução.
- Dicionário ilustrado.
- Guia da gramática inglesa.
- Guia colorido para comunicação.
- Guia de estudo dirigido para praticar vocabulário e gramática.

Collins Dicionário Prático - Inglês-Português / Português-Inglês

- Mais de 80.000 verbetes e 110.000 traduções.
- Léxico completamente atualizado.
- Milhares de frases e locuções.
- Tratamento amplo de termos do mundo dos negócios e da informática.
- Abreviaturas e siglas explicadas e traduzidas.

2.4 – Procedimentos para a análise dos dados

Há vários padrões de pesquisa qualitativa e vários modos de lidar com os dados coletados. Para Bodgan & Biklen (1998, p. 157) a análise de dados é como o processo de busca e organização de todo o material acumulado durante a pesquisa. Logo, cabe ao pesquisador analisar os dados coletados, sintetizá-los e estabelecer padrões entre eles.

Às vezes, a análise acontece em paralelo à coleta dos dados, o que permite ao pesquisador tirar conclusões já durante a coleta de dados. Os autores afirmam, ainda, que é fundamental que o pesquisador reflita sobre as descobertas realizadas durante todo o estudo qualitativo, nunca seguindo uma ou outra abordagem única e puramente.

Para eles os dados devem ser analisados em momentos diferentes da pesquisa, para que o pesquisador vislumbre a necessidade ou não de restringir seu campo de estudo. Agindo assim, ele evita chegar ao final da pesquisa com dados que não são

relevantes para a análise e conseqüente conclusão. Ainda, caso o pesquisador perceba a necessidade de direcionar a pesquisa para outro foco, ele terá tempo hábil para tal.

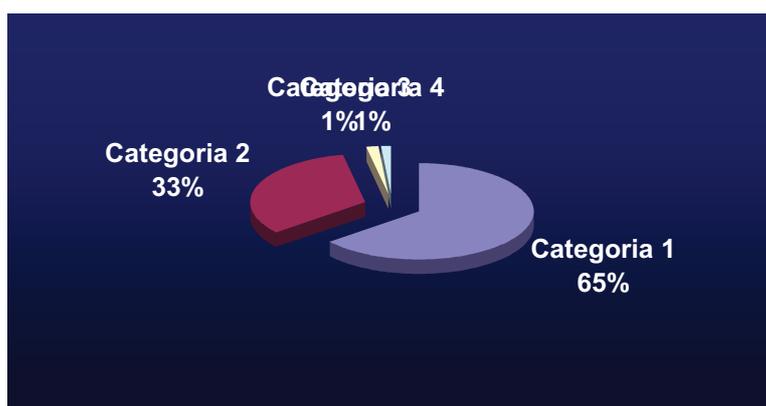
Este capítulo teve por objetivo descrever a metodologia que direcionou a pesquisa proposta, incluindo a explicação sobre o tipo de pesquisa, o contexto onde foi realizada, a escolha dos dicionários e as diretrizes para analisar esses dados coletados.

2.5 – Fraseologismos traduzidos por um equivalente pré-existente

Ao se analisar a tradução dos fraseologismos nos dicionários bilíngües, esperava-se que houvesse uma maior ocorrência desta categoria, ou seja, esperava-se que os lexicógrafos, ao elaborar os dicionários, procurassem traduzir os fraseologismos por um equivalente em Língua Inglesa.

A análise dos quatro dicionários bilíngües utilizados nesta pesquisa mostrou que realmente há uma preocupação maior em se traduzir os fraseologismos por um equivalente pré-existente conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 1. Fraseologismos traduzidos por um equivalente pré-existente



Como pode ser observado, o Dicionário Oxford possui a maior quantidade de fraseologismos traduzidos por um equivalente pré-existente, com um percentual de 35%. Seguido pelo Collins (28%), o Michaelis (25%) e o Longman (12%).

Porém, convém observar que em nenhum dicionário há notas explicativas sobre o fato de que a tradução se trata de um fraseologismo equivalente.

Ainda nesta análise foi observado que mesmo utilizando traduções por um equivalente pré-existente, não necessariamente os dicionários são coincidentes em suas escolhas. Na tabela 1 pode-se observar os casos em que dicionários diferentes tinham equivalentes pré-existentes diferentes para o mesmo fraseologismo.

Tabela 1 – Equivalentes pré-existentes diferentes em dicionários diferentes para o mesmo fraseologismo

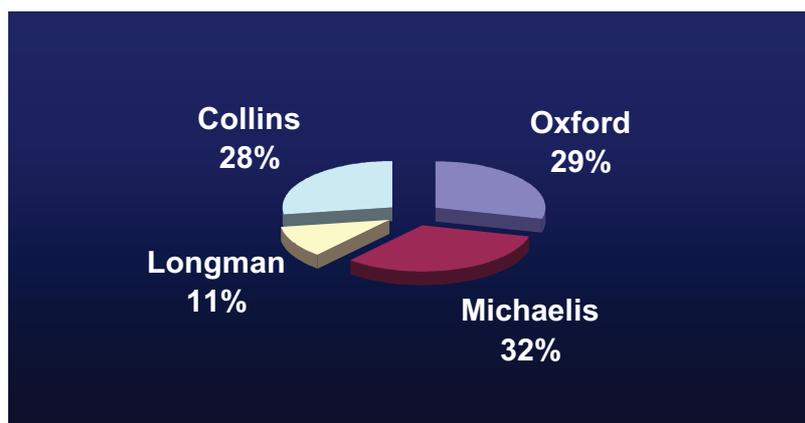
Fraseologismo	Opção 1	Opção 2	Opção 3
Acertar na mosca	To hit the nail on the head (Oxford)	To hit the bull's eye (Michaelis)	-
Armar um barraco	Start a quarrel	To make a scene	-
Dar no pé	Run off (Oxford)	To take one's Hill (Michaelis)	To run away (Longman)
Dar o braço a torcer	To give in (Oxford, Michaelis e Collins)	To back down (Longman)	-
Deixar na mão	Let somebody down (Oxford e Longman)	Left someone holding the bag (Oxford)	-
Estar de ovo virado	To be in a bad mood (Oxford, Longman e Collins)	To be in bed temper (Michaelis)	-
Falar pelos cotovelos	To talk a blue streak (Oxford)	To talk nineteen to dozen (Oxford e Michaelis)	To talk one's head off (Collins)
Fazer tempestade em copo d'água	A tempest in a teacup (Oxford)	A storm in a teacup (Oxford)	To make a mountain out of a molehill (Collins e Longman)
Fazer vista grossa	To turn a blind eye (Oxford e Collins)	To shut one's eyes to (Michaelis)	-
Ficar a ver navios	To be left holding the bag (Michaelis)	To be left high and dry (Collins)	-
Ficar no pé de alguém	To nag somebody (Oxford)	To keep on at somebody (Collins)	-

Levar um fora	To get dumped (Oxford)	To be given the boot (Collins)	-
Meter os pés pelas mãos	To get into a tangle (Oxford)	To mess up (Collins)	-
Morrer de rir	To die laughing (Oxford)	Laugh one's head off (Michaelis e Longman)	To kill oneself laughing (Collins)
Não bater bem da cabeça	To be nuts (Oxford)	To be daft (Michaelis)	-
Pagar o pato	To carry the can (Oxford e Collins)	To pay the piper (Michaelis)	-
Pisar no calo de alguém	Touch a sore spot (Oxford)	To hit a raw nerve (Collins)	-
Pôr mãos à obra	To lay hands on (Oxford)	Put one's hand to the plow (Michaelis)	To set to work (Collins)
Quebrar o galho	To come in handy (Longman)	To sort it out (Collins)	-

2.6 – Fraseologismos traduzidos por uma equivalência de situação

A análise dos dicionários com relação a esta categoria mostrou que o dicionário Michaelis utilizou este recurso com maior frequência (34%), seguido pelo Oxford (29%), Collins (27%) e Longman (10%), como pode ser observado no gráfico 2:

Gráfico 2. Fraseologismos traduzidos por um equivalente de situação



Quando, durante a análise, a tradução de um fraseologismo não correspondia a um equivalente pré-existente, esperava-se que houvesse uma equivalência de situação. Supõe-se que os fraseologismos seriam traduzidos de acordo com esta categoria por não haver um equivalente pré-existente em Língua Inglesa. Porém, houve situações em que os fraseologismos eram traduzidos por uma equivalência de situação em algum dicionário e outros traziam um equivalente pré-existente, como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2. Fraseologismos traduzidos por um equivalente de situação em alguns dicionários e por um equivalente pré-existente em outros.

Fraseologismo	Tradução por um equivalente de situação (dicionário (s))	Tradução por um equivalente pré-existente (dicionário (s))
Aos trancos e barrancos	With great difficulty (Collins)	By / in fits and starts (Oxford, Michaelis e Longman)
Bater carteiras	to nick somebody's wallet (Collins)	to pick pockets (Oxford e Michaelis)
Chorar de barriga cheia	To complain for no reason (Collins)	To have nothing to complain about (Oxford)
Dar a volta por cima	To overcome a difficult situation (Michaelis)	To get over it (Collins)
Deixar alguém plantado	To leave somebody standing somewhere (Collins)	To stand somebody up (Oxford)
Encher lingüiça	To say things which are irrelevant	To waffle on (Collins)

	(Michaelis)	
Engolir sapos	To put up with unpleasant things for powerlessness (Michaelis) To sit back and take it (Collins)	To bite your tongue (Oxford)
Engolir seco	To swallow one's emotion (Michaelis)	To swallow hard (Oxford)
Estar às moscas	Without client or spectators (Michaelis)	To be deserted (Oxford e Collins)
Estar com a corda no pescoço	To be frightfully hard-pressed (Michaelis)	To be in a fix (Oxford)
Estar com a faca e o queijo na mão	To have things in hand (Collins)	To have the ball at somebody's feet (Michaelis)
Ir com a cara de alguém	To like somebody (Oxford e Longman)	To take a liking to (Michaelis)
Levar a cabo	To accomplish (Michaelis)	To carry something out (Oxford, Longman e Collins)
Morrer de frio	To be freezing (Oxford e Longman)	To freeze to death (Michaelis)
Morrer de medo	To be scared (Oxford) To be terrified (Longman)	To be scared stiff (Michaelis e Collins)
Não bater bem da cabeça	To be a bit crazy (Collins)	To be nuts (Oxford) To be daft (Michaelis)
Onde Judas perdeu as botas	In a far-away, impassable place (Michaelis)	At the back of beyond (Collins)
Pisar em brasa	To be in a very difficult situation (Oxford) To deal with a very difficult situation (Michaelis)	To be on tenterhooks (Collins)
Pisar em falso	To stumble (Oxford)	To lose your footing (Michaelis) To miss one's step / Put a foot wrong (Collins)
Pisar em ovos	To be carefull with somebody or something (Oxford)	To tread carefully (Collins)
Pisar na bola	To make a bad mistake (Michaelis)	To overstep the mark (Oxford)

	e Collins)	
Quebrar o galho	To shoot the trouble (Michaelis)	To come in handy (Longman) To break the ice (Collins)
Ser osso duro de roer	To be very strict (Oxford)	To be a hard nut to crack (Collins)

2.7 – Fraseologismos traduzidos literalmente, palavra por palavra

A análise desta categoria mostrou haver poucas ocorrências nos quatro dicionários, como pode ser observado pelo Gráfico 3. O Dicionário Collins e o Michaelis apresentaram 1 ocorrência cada (50%), já o Oxford e o Longman não apresentaram nenhum fraseologismo traduzido literalmente.

Cabe fazer a ressalva de que, como explicado no capítulo anterior, para efeito desta análise, foram considerados fraseologismos traduzidos literalmente aqueles cuja tradução literal não representava um fraseologismo cristalizado de acordo com o número de ocorrências encontradas no buscador Google.

Por exemplo, o fraseologismo *bater as asas* teve como tradução literal *flap the wings* no Dicionário Michaelis, porém ao verificar junto ao Google, ficou constatado que, além deste fraseologismo não se apresentar como um *idiom* em nenhum site, ele possuía apenas 584 ocorrências e, na maioria das vezes, as ocorrências eram relacionadas à área de aviação.

Já o fraseologismo *a céu aberto* foi traduzido pelo Dicionário Oxford como *in the open air* e na verificação do Google, constatou-se 4.170.000 ocorrências, sendo que ao restringir a busca acrescentando o termo *idiom*, o resultado foram 18.900 ocorrências. Logo, a tradução deste fraseologismo foi considerada como sendo uma tradução por equivalente pré-existente, como pode ser observado na Tabela 3.

Gráfico 3. Fraseologismos traduzidos literalmente, palavra por palavra

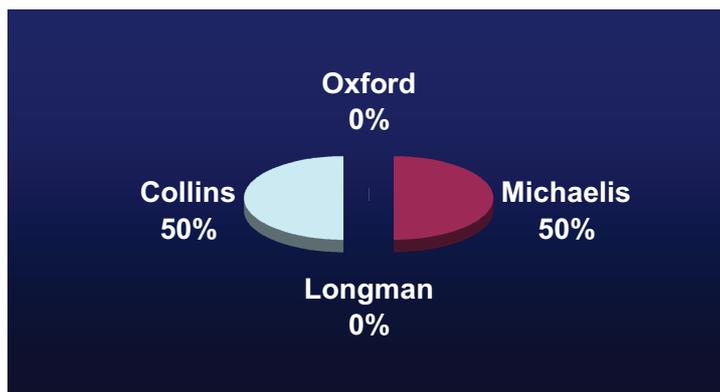


Tabela 3. Fraseologismos traduzidos por um tradução literal em alguns dicionários e por uma equivalência de situação em outros

Fraseologismo	Tradução literal	Tradução sugerida
Bater as asas	Flap the wings (Michaelis)	To take flight (Oxford – equivalência de situação)
Abrir os olhos de alguém	To open somebody's eyes (Collins)	To awaken (Michaelis – equivalência de situação)

Os dados da análise desta categoria apontam para que ambos os fraseologismos não possuem um equivalente pré-existente na Língua Inglesa, visto que para cada um dos fraseologismos obteve-se como resultado uma tradução literal, uma tradução por uma equivalência de situação e dois dicionários sem tradução.

2.8 – Fraseologismos traduzidos por um significado diferente do original

Esta categoria não existia em um primeiro momento, porém durante a análise foi observado que alguns dos fraseologismos foram traduzidos por equivalentes, à primeira vista, pré-existent na Língua Inglesa. Porém, ao verificar o significado destes fraseologismos no buscador Google para confirmar se eram pré-equivalentes ficou constatado que tais fraseologismos possuíam uma conotação diferente da do fraseologismo original em Português (Tabela 4), por isso optou-se por acrescentar esta quarta categoria. Neste sentido, observou-se que os Dicionários Oxford, Michaelis,

Longman e Collins possuem 1 fraseologismo cada (25% cada), conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4. Fraseologismos traduzidos por um significado diferente do original

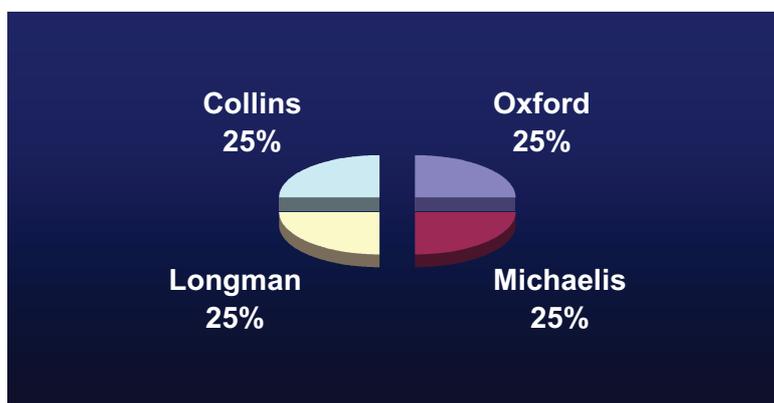


Tabela 4. Fraseologismos com conotação diferente do original em Português

Fraseologismo <i>Sentido conotativo</i>	Tradução oferecida pelo dicionário <i>Sentido conotativo</i>	Tradução sugerida para o sentido conotativo do original
Estar com a cabeça nas nuvens <i>Estar distraído</i> ¹⁰	To be walking on air (Longman) <i>Se sentir muito feliz por algo que aconteceu</i> ¹¹	To have your head in the cloud (Oxford, equivalente pré-existente)
Estar com a corda toda <i>Estar animado, empolgado</i>	To be really wound up (Collins) <i>Estar em um estado de tensão nervosa</i> ¹²	To be uninhibited (Michaelis, equivalente de situação)
Pensar na morte da bezerra <i>Estar distraído</i>	To daydream (Michaelis) <i>Sonhar acordado</i> ¹³	To be miles away (Collins)

¹⁰ O sentido conotativo dos fraseologismos em Língua Portuguesa foi encontrado no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, origem do corpus.

¹¹ Sentido conotativo encontrado no www.thefreedictionary.com: *to be very happy and excited because something very pleasant has happened to you.*

¹² Sentido conotativo encontrado no www.freedictionary.com: *in or of a state of physical or nervous tension.*

¹³ Sentido conotativo encontrado no www.freedictionary.com: *to have daytime fantasies about someone or something*

2.9 – Os dicionários de acordo com as quatro categorias propostas

Além de analisar os fraseologismos conforme as categorias propostas, o corpus permitiu também fazer uma análise comparativa dos quatro dicionários para verificar se os lexicógrafos privilegiavam alguma categoria em detrimento das outras. Está claro, pela análise realizada até então, que eles se preocupam em encontrar uma tradução que, se não for um equivalente pré-existente, será um equivalente de situação, para permitir ao usuário do dicionário que ele possa entender o sentido conotativo do fraseologismo e, assim, utilizá-lo convenientemente.

Esta comparação entre os quatro dicionários permite que o leitor perceba qual dicionário tende a considerar mais a tradução por um equivalente pré-existente. Cabe lembrar que são muitos os fatores que interferem na tradução dos fraseologismos, assim como na produção dos dicionários, e que esta análise serve apenas como referência para a utilização das traduções oferecidas por cada um deles.

Gráfico 5. Frequência das categorias no Dicionário Oxford

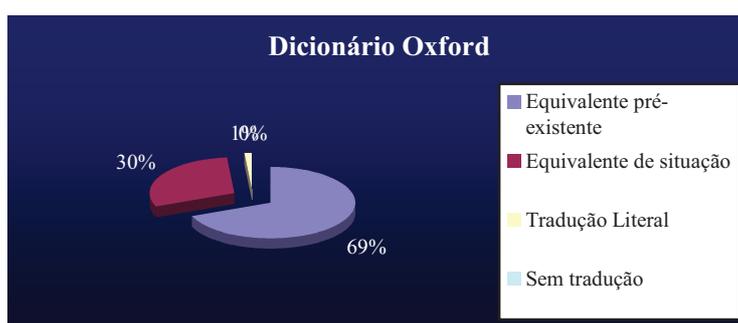


Gráfico 6. Frequência das categorias no Dicionário Michaelis

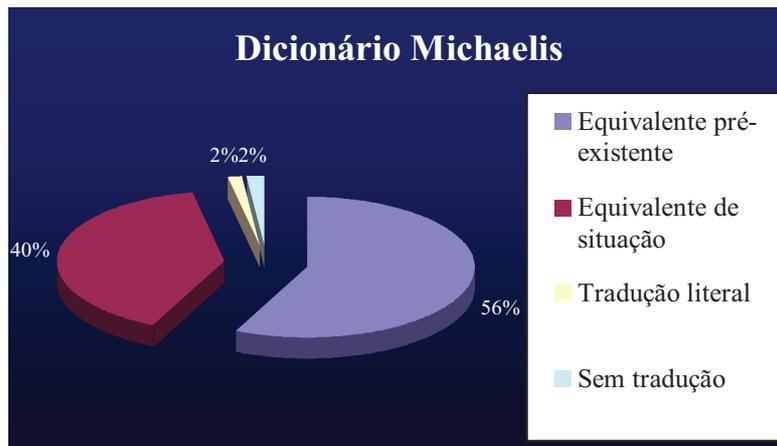


Gráfico 7. Frequência das categorias no Dicionário Longman

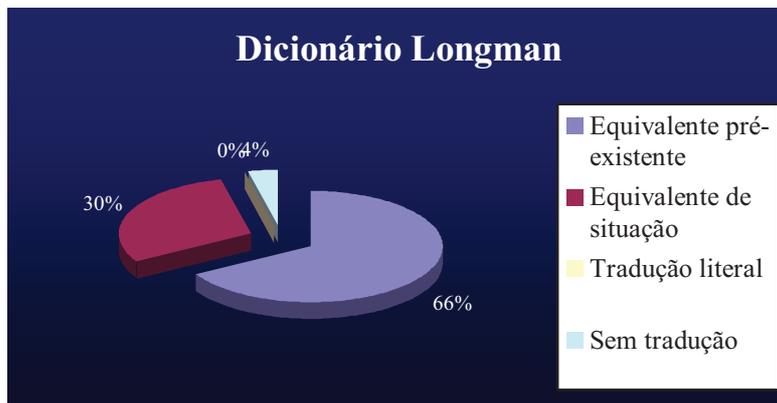
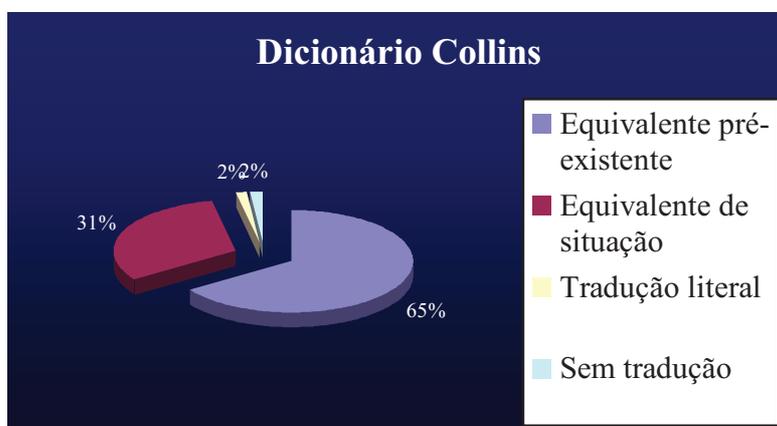
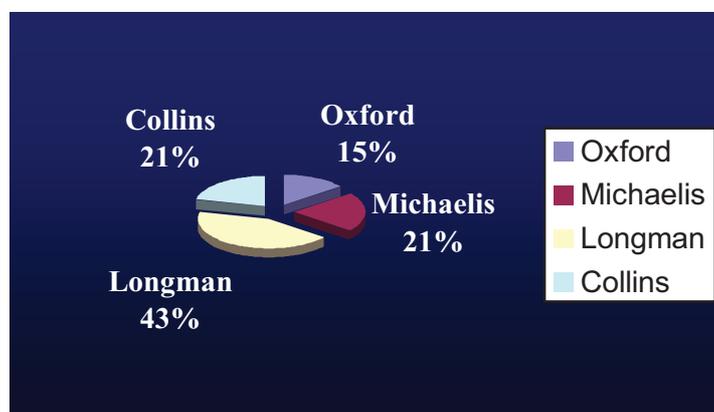


Gráfico 8. Frequência das categorias no Dicionário Collins



Observou-se, também, nos quatro dicionários analisados, que houve um considerável número de fraseologismos que não foram traduzidos (gráfico 9). Porém, há que se levar em consideração a limitação dos dicionários, visto que são dicionários que possuem entre 38.000 e 80.000 verbetes. Outro fator que pode contribuir para a não tradução dos fraseologismos é a frequência de uso dos fraseologismos em Língua Portuguesa, alguns dos fraseologismos podem não ter seu uso tão corrente quanto outros, ou estarem em desuso.

Gráfico 9. Quantidade de fraseologismos não traduzidos pelos quatro dicionários



CONCLUSÕES

A utilização dos princípios da Teoria de Tradução aliados à Análise Crítica do Discurso como base para a análise realizada neste estudo se deve ao fato de que estas teorias lidam com os problemas enfrentados pelos tradutores quando da realização de traduções de fraseologismos, e com a importância que o meio social possui na comunicação, o que justifica a importância que deve ser dada aos fraseologismos e às suas traduções.

Um dos dilemas do tradutor durante a tarefa tradutória é decidir entre domesticar (Berman, 2002, 107) um texto, ou seja, traduzi-lo de modo que seja facilmente entendível na língua de chegada, ou estrangeirizá-lo – traduzi-lo mantendo as peculiaridades e características da língua de partida. E, nesta busca pela solução mais adequada, ele reflete sobre qual seria o interesse do autor deste texto. Quem seria o autor? Qual o seu objetivo com o texto? Porém, nem sempre é fácil encontrar o autor para que este possa esclarecer todas estas dúvidas.

E o que fazer com a tradução dos fraseologismos? Quem é o autor dos fraseologismos? Eles surgem através do uso da linguagem por determinada comunidade de fala e sem um autor específico. Este grupo possui modos de falar que se cristalizam com o tempo e, por serem tão específicos, normalmente, são carregados de conotações culturais. Logo, fica ao tradutor a tarefa de traduzir estes fraseologismos para outra língua considerando que, criados em países diversos, produzem efeitos diversos e referem-se a usos diversos. Eles produzem histórias diversas que, nem sempre, produzirão o mesmo efeito em outra língua que não seja a original.

Tentar traduzi-los aleatoriamente pode não ser uma boa solução, pois o leitor sente a *estranheza* quando a escolha do tradutor parece incompreensível, como se se tratasse de um erro, e sente, ao contrário, o *estranho* quando se vê diante de um modo pouco familiar de apresentar-lhe algo que poderia reconhecer, mas que tem a impressão de ver realmente pela primeira vez. (Eco, 2007, p. 203)

Para entender estes fraseologismos e a sua importância em determinada cultura, faz-se necessário ao tradutor perceber que um texto não existe por si só, mas que ele

vem carregado de cultura, pensamento corroborado pela teoria fraca da Hipótese de Sapir-Whorf em que a linguagem influencia o pensamento. Ora, se a linguagem influencia o pensamento, logo este pensamento influenciará o modo de falar de um povo, o que será refletido pelas expressões utilizadas pelas pessoas deste grupo específico. Traduzir os fraseologismos sem se considerar toda essa força cultural, implica abrir mão da história de um povo e de suas riquezas.

A contribuição da Análise Crítica do Discurso para este estudo se situa justamente na noção de que a linguagem produz e reproduz o social (Fairclough, 1992). Neste sentido a linguagem é vista de forma intrínseca à cultura. A linguagem é capaz de mudar o povo, assim como está sempre em constante mutação por causa deste mesmo povo. Seguindo este mesmo raciocínio está a Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1978), em que um texto funciona em um contexto situacional determinado por um contexto social.

Ter consciência destas informações (quem são os autores, qual o assunto e qual o meio) embutidas no texto, não necessariamente explícitas, auxilia o tradutor na difícil tarefa de traduzir os fraseologismos. Os sistemas lingüísticos são comparáveis e as eventuais ambigüidades podem ser resolvidas quando se traduzem textos à luz dos contextos e em referência ao mundo do qual aquele dado texto fala.

Porém quando o tradutor desconhece as estratégias sobre como e onde procurar soluções para informações não disponíveis, ele faz uso de apoio externo, sendo que os mais comuns são os dicionários, Internet, enciclopédias, etc. A busca de informações através desses apoios externos envolve um processo cognitivo em que o tradutor deve ter um conhecimento de onde buscar tais informações e tomar as decisões corretas para atingir seu objetivo.

O apoio interno envolve, literalmente, os processos cognitivos pois é neste momento que o tradutor busca seus conhecimentos prévios. Aqui ele recupera informações armazenadas em sua memória e utiliza-se de processos inferenciais para uma correta tomada de decisão.

A combinação dos apoios interno e externo serve para solucionar um problema de tradução. Normalmente, os problemas de tradução não se resolvem somente com o apoio interno ou o externo, há a necessidade de ambos paralelamente para dar continuidade ao processo tradutório e, como vimos, nos parágrafos anteriores ambos estão relacionados com o processo cognitivo.

Como apoio externo os dicionários têm sido amplamente utilizados pelos tradutores, sejam eles profissionais ou experientes. Porém, ao usar o dicionário o tradutor assume que o que se denomina ‘significado’ de uma palavra corresponde a tudo aquilo que, em um dicionário, está escrito em correspondência com um dado verbete. Lendo as definições no verbete o leitor se dá conta de que (i) elas incluem várias acepções ou sentidos da própria palavra e de que (ii) tais acepções ou sentidos muitas vezes não podem ser expressos por um sinônimo ‘seco’, mas só por uma definição, por uma paráfrase ou até mesmo por um exemplo concreto. Os lexicógrafos costumam, além de complementar o verbete, fornecer instruções para sua *desambigüização contextual* (Eco, 2007, p. 34), o que possibilita ao usuário decidir qual o termo equivalente (em um dado contexto) em outra língua.

Respondendo às perguntas de pesquisa

Considerando esta confiabilidade que o dicionário exerce sobre o seu usuário, uma das perguntas deste estudo questionava se os dicionários bilíngües traduzem para o Inglês os fraseologismos originalmente produzidos em Português. Para a realização desta pesquisa foi utilizado, inicialmente, um corpus com 173 fraseologismos. Deste corpus, 70 fraseologismos não tiveram tradução em nenhum dos quatro dicionários, o que fez com que fossem descartados do grupo que seria analisado. Para a análise em si, foi mantido o corpus com 103 fraseologismos, sendo que estes possuíam tradução em, ao menos, um dicionário.

Dos fraseologismos que possuíam tradução, ao serem analisados por dicionários, obteve-se que o Dicionário Oxford foi o que teve menos fraseologismos não traduzidos (15%), enquanto que o Dicionário Longman obteve a maior quantidade de fraseologismos não traduzidos (43%).

De acordo com Welker (2004) *os dicionários gerais que já não são muito precisos com relação à equivalência dos lexemas simples, não podem se dar ao luxo de entrar em detalhes a respeito dos idiomatismos (...)*.

Porém, percebe-se que os dicionários bilíngües traduzem os fraseologismos, mas com algumas restrições. Outros fatores devem ser levados em consideração e que

restringiram a capacidade de análise do estudo, como a quantidade de verbetes que cada dicionário possui, a destinação dos dicionários e o grau de utilização destes fraseologismos. Como estes dicionários não são utilizados especificamente para a tradução de fraseologismos, pode ser que os lexicógrafos tenham se empenhado mais em traduzir os fraseologismos de uso corrente em língua portuguesa.

Esta reflexão já remete à segunda pergunta da pesquisa que questionou se os dicionários consideram os aspectos sócio-culturais na tradução dos fraseologismos.

Para efeito de análise e para se obter resposta a esta pergunta as traduções dos fraseologismos foram classificadas de acordo com quatro categorias – (i) fraseologismos traduzidos por um equivalente pré-existente; (ii) fraseologismos traduzidos por um equivalente de situação; (iii) fraseologismos traduzidos literalmente, palavra por palavra e (iv) os fraseologismos traduzidos com significado diferente do original.

Dentro destas categorias pôde-se perceber que os dicionários, na maioria das vezes, procuram traduzir o fraseologismo por um equivalente pré-existente ou por um equivalente de situação. Este fato indica que os lexicógrafos se preocupam com a função que o fraseologismo exerce em determinada cultura e esperam que o usuário também tenha esta consciência.

Mesmo percebendo que os dicionários procuram traduzir os fraseologismos considerando seus aspectos sócio-culturais, cabe observar que na maioria absoluta das vezes estes fraseologismos não tinham informações sobre serem expressões, ou serem coloquiais, ou outras informações que remeteriam o usuário a reconhecê-los como uma expressão fixa dentro daquela cultura.

Contribuições

Este estudo procurou mostrar que os dicionários, mesmo os bilíngües, podem ser bons aliados para os tradutores. Ao analisar um corpus de fraseologismos em língua portuguesa traduzidos para a língua inglesa pelos dicionários bilíngües, pôde-se observar que os dicionários podem ser utilizados como apoio externo ao tradutor, com certa confiabilidade. Ao tradutor cabe analisar e utilizar seus conhecimentos cognitivos

(apoio interno) para decidir qual o melhor caminho a seguir. O equilíbrio entre os apoios interno e externo permite ao tradutor resolver problemas de tradução com mais propriedade e ser mais bem sucedido em suas escolhas.

Poucos são os estudos que relacionam a tradução e os dicionários. Pode-se citar *Translation and Lexicography* (Snell-Hornby & Pöhl [Eds.] 1989 *apud* Welker, 2004, p. 253) e *Translation and Bilingual Dictionaries* (Sin-wai [ed.] 2004 *apud* Welker, 2004, p. 253), uma pesquisa elaborada por Welker & Oliveira (2007 *apud* Welker, 2007, p. 123), além de algumas monografias. Logo, este estudo também espera contribuir para as pesquisas tanto na lexicográfica relacionadas ao processo tradutório e a influência que os dicionários exercem sobre os tradutores durante a tarefa tradutória. Espera também influenciar outros pesquisadores a investigar este tema tão importante às duas áreas de pesquisa – a tradução e a lexicografia.

Limitações deste estudo

Durante a análise deste estudo, algumas limitações se fizeram presentes. A primeira delas diz respeito ao sentido conotativo das traduções dos fraseologismos. A situação ideal seria perguntar a pessoas nativas de língua inglesa se aquelas traduções lhe eram reconhecidas como fraseologismos utilizados em seu país de origem. Devido à escassez de tempo, optou-se por pesquisar a frequência de uso destas traduções pelo site de buscas Google, por também poder proporcionar situações de uso real da língua.

Uma segunda limitação observada foi com relação ao tipo de Inglês utilizado pelos dicionários analisados (Americano ou Britânico) e em que região falante de língua inglesa determinado fraseologismo era utilizado. A triangulação destes dados poderia inferir com mais fidedignidade, por exemplo, se um fraseologismo não apareceu em determinado dicionário por não pertencer a determinada região falante de língua inglesa, região cujo dicionário pode ter se baseado em suas escolhas. Esta também pode ser uma explicação para o fato de que, em alguns dos fraseologismos analisados, terem sido encontradas duas traduções distintas, consideradas como equivalentes pré-existentes.

Outro fator que poderia influenciar os resultados seria com relação ao uso ou desuso dos fraseologismos. Uma pesquisa mais detalhada sobre a raiz do

fraseologismos e sua utilização corrente na língua portuguesa poderia explicar a ausência ou presença das traduções dos fraseologismos no corpus analisado.

Sugestões para futuras pesquisas

Esta pequena amostra analisada já forneceu informações importantes com relação ao uso dos dicionários pelos tradutores para a tradução dos fraseologismos. Para futuros pesquisadores fica o desejo de que se interessem pelo tema e aproveitem as limitações deste estudo para ampliar seu escopo de pesquisa.

Tanto os tradutores iniciantes e experientes se beneficiarão destas pesquisas para tornar a tarefa tradutória mais dinâmica e a tomada de decisões mais confiável.

Considerações finais

A observância dos processos cognitivos aliados à utilizados dos dicionários como apoio externo ajudam, realmente, os tradutores a traduzirem melhor na medida em que os tornam conscientes da amplitude de seu trabalho e, logo, prestam mais atenção aos processos utilizados durante o ato de traduzir. Esta pesquisa espera ter alertado os tradutores sobre a importância que a cultura tem no processo tradutório. Se atentar aos aspectos sócio-culturais dos fraseologismos permitirá ao tradutor produzir traduções mais bem-sucedidas. Porém, o fato de se traduzir melhor não implica em traduzir mais rápido. Talvez com uma maior atenção a tais processos (o que pode dispensar mais tempo), a tradução pode se tornar mais precisa e o tradutor mais confiante de seu trabalho, pois ele sabe que tem uma base teórica que suporta o processo utilizado. Finalmente, com relação à confiabilidade, esta é uma conquista que vem com o tempo e a confiança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F. **O processo de tradução:** Delimitação de um objeto de estudo - Apresentação. Cadernos de Tradução X (2002) 2: 9-22
- ALVES, F; MAGALHÃES, C; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia:** estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução:** a teoria na prática. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- BASSNETT, S. **Translation Studies.** London & New York: Routledge. 3. ed., 2002.
- BELL, R. T. **Translation and translating:** Theory and practice. Longman> New York, 1991.
- BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.** Les tours de Babel, Mauvezin:Trans-Europ-Repress, 1985.
- _____. **A prova do estrangeiro:** cultura e tradução na Alemanha romântica. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I.** 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Qualitative research for education:** an introduction to theory and methods. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon, 1998.
- CAMPBELL, Stuart. **Translation into the second language.** New York: Addison Wesley Longman Inc. 1998
- CAMPOS, G. **O que é Tradução.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1986.
- CATFORD, J. C. **Uma teoria Lingüística da Tradução:** um ensaio de lingüística aplicada. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHIZZOTI, A. **Etnografia.** In.: CHIZZOTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- COLLINS, **Collins Dicionário Português-Inglês / Inglês-Português,** São Paulo: Collins Disal, 2006.

COWIE, A. P. (Org.). **Phraseology: theory, analysis and applications**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

Van DIJK, T. **The study of discourse**. In: Van DIJK, T. (Org.). *Discourse as structure and process*. London: Sage, 1997.

ECO, H. **Quase a mesma coisa**. Experiências de tradução. São Paulo: Record, 2007.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter Publishers, 1994.

EVEN-ZOHAR. **Polysystem Studies**. In: *Poetics Today*, 11, 1, Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1990.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Language Awareness**. London: Longman, 1992.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. & WODAK, R. **Critical discourse analysis**. In: Van DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as social interaction*. London: Sage, 1997. pp. 258-284.

GOMES, M.C.A. **O Gênero Audiência Pública** In: MAGALHÃES, C. *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

HALLIDAY, M.A.K. **Language as social semiotic – the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold. Second Edition, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. & R. HASAN **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Geelong, Vic: Deakin University Press. Oxford: OUP. Second Edition, 1989.

HAMMERSLEY, M. & ATKINSON, R. **Ethnography: principles in practice**. Londres: Routledge, 1995.

HEWSON, L & MARTIN, J. **Redefining translation**. The variational approach. London: Routledge, 1991.

HOUAISS, A. (Ed.) **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Houaiss; Objetiva, 2001

HURTADO ALBIR, A. **Enseñar a Traducir**. Madrid: Edelsa, 1999.

KATAN, D. **Translating Culture: An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators**. Manchester, UK: St. Jerome, 1999.

KRESS, G. **Linguistic processes in sociocultural practice**. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KUSSMAUL P., **Training the Translator**, Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publishing Company: Benjamins Translator Library, 1995

LAVILLE, C e DIONNE J. **Problema e Problemática**. In: A Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, pp. 85-102

LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Frame**. London and New York: Routledge, 1992

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria de Regência e Ligação**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LONGMAN, **Dicionário Escolar Inglês-Português / Português-Inglês**. Harlow: Longman, 2004

MICHAELIS, **Dicionário Michaelis Escolar Inglês-Português / Português-Inglês**. São Paulo: Melhoramentos, 2002

MISRI, G. **La Traductologie des expressions figées**, Études Traductologiques en hommage à Danica Seleskovitch, Paris: Minard, 1990.

NEWMARK, P. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

NORD, C. 1992. **Text analysis in translator training**. In DOLLERUP, I.C. & LINDEGAARD, A. (eds.) Teaching Translation and Interpreting. Amsterdam: John Benjamins, 1992, PP. 39-48.

NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OXFORD, **Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês – Inglês-Português / Português-Inglês**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

RIDD, M. **Tradução, Consciência Crítica da Linguagem e Relações de Poder no Ensino de Línguas Estrangeiras**. Sessão do Simpósio “Discurso, consciência crítica, gênero e educação”. VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal. Não publicado. 2004.

ROBINSON, D. **Construindo o tradutor**. Tradução de Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ROGERS, M & AHMAD, K. **The Translator and the Dictionary: Beyond Words?** In: Atkins, B. T. S. (ed.), **Using Dictionaries: Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators**. Tübingen: Niemeyer, 1998, pp. 193-204.

- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SILVEIRA, B. **A arte de traduzir**. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- Vieira, E. R. P. **A interação do texto traduzido com o sistema receptor**: a teoria dos poli-sistemas. In: Vieira, E. R. P. (org.) *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- VERMEER, H. **Is translation a linguistic or a cultural process?** In: *Estudos da Tradução*. Florianópolis: EDUFSC, p. 37-49, 1992.
- WELKER, H. A. **Dicionários**. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.
- _____ **O uso de dicionários**: panorama geral das pesquisas empíricas. Brasília: Thesaurus, 2006.
- WELKER H.A & OLIVEIRA, H.I.B. **A utilização do dicionário por alunos de um curso de tradução**: Uma comparação entre alunos iniciantes e avançados. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, ano 6, n 2, Brasília: UnB, 2007, PP. 123-146.
- ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a.M., Bern, Cirencerter. UK.: Lang. 1980.

APÊNDICE 1. O corpus original em Língua Portuguesa com o significado pelo Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.

Fraseologismo	Significado (Houaiss Dicionário de Língua Portuguesa)
A céu aberto	ao ar livre
A dar com pau	em grande quantidade
Abotoar o paletó	morrer
Abrir o coração	Desabafar; declarar-se sinceramente
Abrir o jogo	Denunciar; revelar detalhes
Abrir os olhos a alguém	Convencer, alertar
Acabar em pizza	quando uma situação não resolvida acaba encerrada (especialmente em casos de corrupção quando ninguém é punido)
Acertar na mosca	acertar precisamente
Achar (procurar) chifre em cabeça de cavalo	procurar problemas onde não existem.
Achar (procurar) pêlo em ovo	buscar coisas impossíveis
Agarrar com unhas e dentes	Não desistir de algo ou alguém facilmente.
Amarrar o burro	ficar em descanso (folgado); Se comprometer (normalmente em relação a relacionamentos)
Amigo da onça	falso amigo, amigo interesseiro ou traidor
Andar feito barata tonta	Estar distraído.
Andar na linha	estar elegante ou agir corretamente (ver também "perder a linha")
Andar nas nuvens	estar desatento
Ao deus dará	abandonado, sem rumo
Ao pé da letra	literalmente
Aos trancos e barrancos	de forma atabalhoada, desajeitada
apanhar alguém com a boca no botija	em flagrante; enquanto executava uma ação geralmente condenável
Armado até os dentes	exageradamente armado, preparado para uma situação
Armar um barraco	criar confusão em público, discutindo ou brigando com alguém
Armar-se até aos dentes	Estar preparado para uma qualquer situação.
Arrancar os cabelos	entrar em desespero
Arrastar as asas (para alguém)	enamorar-se, insinuar-se romanticamente para alguém
arrebentar a boca do balão	desempenhar-se magnificamente, brilhar.
Arregaçar as mangas	Iniciar algo.
Arrumar sarna para se coçar	procurar por problemas
Babar ovo	puxar o saco, idolatrar incondicionalmente
Baixar a bola	Acalmar-se, ser mais comedido.
baixar a crista de alguém	tornar alguém humilde, manso
Banho de água fria	romper as expectativas de alguém, decepcionar, desiludir.
Banho de gato	lavar superficialmente as partes do corpo
banho de loja	incursão a lojas com o objetivo de renovar o guarda-roupa

	ou mudar o jeito de vestir
Barra pesada	situação difícil, ou pessoa grosseira e violenta
bater as asas	fugir, desaparecer
Bater as botas	Morrer, falecer.
bater boca	discutir acalorada e demoradamente
bater carteiras	rouba às ocultas a carteira do bolso de outrem
Bater com as dez	morrer
Bater na mesma tecla	insistir demais no mesmo assunto
Bater papo	conversar (informalmente)
Bode expiatório	aquele que leva a culpa no lugar de outro
Bola pra frente	expressão de encorajamento, para se seguir em frente mesmo frente a adversidades
Botar a boca no trombone	revelar um segredo, tornar algo público
Botar o carro na frente dos bois	pular ou queimar etapas de forma inapropriada, geralmente atrapalhando o andamento ou resolução de uma situação
Botar pra quebrar	fazer algo com extrema intensidade, em geral em sentido positivo; similar a "mandar ver"
Cara de pau	Descarado, sem-vergonha
chorar de barriga cheia	lamentar-se sem razão para tal
Chorar sobre o leite derramado	Lamentar-se por algo que não tem solução/volta ou fato passado
Chutar o balde / Chutar o pau da barraca	agir irresponsavelmente em relação a um problema
comer como um boi	comer além do necessário, comer muito
Comprar gato por lebre	Ser enganado.
Confundir alhos com bugalhos	confundir ou misturar conceitos ou fatos
Dar a volta por cima	se recuperar
Dar bola (para alguém)	insinuar-se romanticamente para alguém
Dar com a cara na porta	levar um fora, decepcionar-se, procurar e não encontrar
Dar com a língua nos dentes	Contar um segredo.
dar em cima de alguém	procurar alguém com fins amorosos
Dar mancada	descumprir promessa, relaxo, deslize
dar no pé	fugir
Dar o braço a torcer	Voltar atrás numa decisão
dar um gelo	evitar alguém por ofensa ou ressentimento causado
Dar uma de João sem braço	fazer-se de desentendido
Dar uma mãozinha	dar uma pequena ajuda
deixar alguém plantado	deixar alguém parado em algum lugar por muito tempo
Deixar na mão	não colaborar, abandonar
Descascar o abacaxi	resolver problema complicado
dizer algo da boca pra fora	falar algo sem compromisso
Encher lingüiça	enrolar, preencher espaço com embromação
Enfiar o pé na jaca	embriagar-se, cometer excessos, cometer um erro
Engolir sapos	Fazer algo contrariado; ser alvo de insultos/injustiças/contrariedades sem reagir/revidar, acumulando ressentimento

engolir seco	
Entrar pelo cano	se dar mal, ficar encrencado
Enxugar gelo	insistir em um trabalho inútil
estar às moscas	abandonado, esquecido
Estar com a cabeça nas nuvens	Estar distraído.
Estar com a corda no pescoço	Estar ameaçado, sob pressão ou com problemas financeiros
Estar com a corda toda	estar animado, empolgado
Estar com a faca e o queijo na mão	Estar com poder ou condições para resolver algo
Estar com a pulga atrás da orelha	Estar desconfiado.
Estar com aperto no coração	Estar angustiado
Estar com dor de cotovelo	estar despeitado devido a uma decepção amorosa
Estar com o pé atrás da porta/de pé atrás	Estar desconfiado, cabreiro
Estar com os pés para a cova/o pé na cova	Estar para morrer
Estar com uma pedra no sapato	Ter um problema por resolver.
Estar dando sopa	estar inadvertidamente vulnerável
Estar de mãos abanando	Não conseguir o que pretendia
Estar de mãos atadas	Não poder fazer nada
estar de ovo virado	estar mal-humorado
falar pelos cotovelos	falar excessivamente e com desembaraço
Fazer com uma perna às costas/de olhos fechados	Fazer com muita facilidade.
Fazer nas coxas	fazer sem cuidado
Fazer tempestade em copo d'água	Transformar banalidade em tragédia
Fazer um negócio da China	Aproveitar grande oportunidade
Fazer vista grossa	Fingir que não viu, relevar, negligenciar
Ficar à sombra da bananeira	Ficar despreocupado.
Ficar a ver navios	ficar sem nada ou sem coisa alguma
ficar com cara de tacho	expressão de rosto encabulada ou aturdida diante de fato inesperado ou desagradável
ficar no pé de alguém	insistir aborrecendo, molestar com pedidos insistentes
Ir catar coquinho	ir fazer outra coisa
ir com a cara de alguém	simpatizar-se com alguém
Ir desta para melhor	Morrer, falecer
Ir para o espaço	não funcionar, falhar, dar errado
Ir pentear macacos	Ir chatear outra pessoa.
Jogar um balde de água fria	Inverter o entusiasmo em desilusão.
Lavar as mãos	não se envolver
Lavar roupa suja	Discutir assunto particular
levar a cabo	fazer chegar ao fim, fazer terminar
Levar chumbo/ferro/pau	fracassar ou dar-se mal; sofrer violência
Levar um fora	ser descartado, desprezado, bloqueado ou impedido por alguém (sentimental)
levar vida de cachorro	

meter o pau em alguém	falar mau de alguém
Meter o rabo entre as pernas	Submeter-se
Meter os pés pelas mãos	Agir desajeitadamente ou com pressa; confundir-se no raciocínio
morrer de frio	sentir muito frio
morrer de medo	ter medo apavorante de algo
morrer de rir	rir sem parar, rir continuamente
morrer de tédio	sentir muito tédio
morrer de vergonha	sentir muita vergonha
Mudar da água para o vinho	mudar totalmente, mudar radicalmente
Mudar do saco para a mala	mudar totalmente de assunto
não bater bem da cabeça	ser amalucado, esquisito
não dar bola	não dar confiança
não fazer mal a uma mosca	incapaz de prejudicar quem quer que seja
não ter pé nem cabeça	
Onde Judas perdeu as botas	lugar muito distante
Pagar o pato	ser responsabilizado por algo que não cometeu
passar de boca em boca	espalhar-se rapidamente
Pendurar as chuteiras	Aposentar-se, desistir
Pendurar melancia no pescoço	querer aparecer, se exibir
Pensar na morte da bezerra	Estar distraído/a.
Perder a linha	perder a educação, perder a elegância
pisar em brasa	
pisar em falso	
pisar em ovos	agir com muita cautela
Pisar na bola/no tomate	cometer deslize
pisar no calo de alguém	fazer com que alguém perca a calma, a paciência
Plantar bananeira	colocar-se de cabeça para baixo
Pôr as barbas de molho	Precaver-se
Pôr as cartas na mesa/lançar os dados	Expor os factos.
Pôr mãos à obra	Trabalhar com afinco
Pôr minhoca na cabeça	criar ou refletir sobre problemas inexistentes
Pôr os pontos/pingos nos ís	Esclarecer a situação detalhadamente
Procurar chifre em cabeça de cavalo/pêlo em ovo	procurar significados ou imaginar problemas que não existem
Procurar sarna para se coçar	Se envolver em problemas sem necessidade
Procurar uma agulha num palheiro	Tentar algo quase impossível.
Prometer mundos e fundos	Fazer promessas exageradas
quebrar a cara	dar-se mal
Quebrar o galho	dar solução precária, improvisar
quebrar o gelo	iniciar conversa para acabar com silêncio constrangedor

Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Segurar vela	atrapalhar namoro, acompanhar um casal ou ser o único solteiro numa roda de casais
Sem pés nem cabeça	Sem lógica; sem sentido.
Sentir dor de cotovelo	Sentir despeito amoroso.
ser burro como uma porta	
ser osso duro de roer	ser destemido, , difícil de suportar, aceitar.
Ser um chato de galocha	Ser uma pessoa de comportamento desagradável
Ser uma mala sem alça	ser muito chato e difícil de ser tolerado
Ser uma mão na roda	ajudar muito, ser prestativo
Ser uma pedra no sapato/no caminho	ser um estorvo, atrapalhar
ter os pés no chão	ter objetividade, ser realista
ter uma queda por alguém	
Tirar água do joelho	Urinar
Tirar o cavalo da chuva	desistir de algo ou alguém
Tomar um chega para lá	ser descartado
Trocar as bolas	atrapalhar-se
Trocar seis por meia dúzia	trocar uma coisa por outra que não vai fazer a menor diferença
Uma mão lava a outra (e as duas lavam as orelhas)	Entre ajuda; trabalhar em equipa ou para o mesmo fim.
Virar casacas	Mudar de idéias facilmente; traidor.
virar de cabeça pra baixo	
virar do avesso	fazer intensa busca para procurar algo

APÊNDICE 2. O corpus analisado com os fraseologismos encontrados em pelo menos um dos dicionários analisados.

Frasesologismo	Significado (Hoais Dicionário Português)	Dicionários			
		Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês	Michaelis - Dicionário Prático Inglês-Português Português-Inglês	Longman - Dicionário Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês - Inglês - Português / Português - Inglês	Collins Dicionário Prático Inglês Português / Português - Inglês
A céu aberto	ao ar livre	in the open air	-	-	-
A dar com pau	em grande quantidade	loads of sth	a great deal	-	-
Abotoar o paletó	morrer	-	-	-	to kick the bucket
Abri o coração	Desabafar; declarar-se sinceramente	To come clean with sb	make a clean breast of / to open the heart to someone	-	-
Abri o jogo	Denunciar; revelar detalhes	-	-	to come clean (with somebody)	to lay one's card on the table / to come clean
Abri os olhos de alguém	Convencer, alertar	-	to awaken	-	to open somebody's eyes
Acertar na mosca	acertar precisamente	to hit the nail on the head	to hit the bull's eye	-	-
Agarrar com unhas e dentes	Não desistir de algo ou alguém facilmente.	-	defender com: to fight tooth and nails	-	tooth and nail (com unhas e dentes)
Amigo da onça	falso amigo, amigo interesseiro ou traidor	-	a false friend	-	false friend
Andar feito barata tonta	Estar distraído.	-	disorientedly / aimlessly	-	-
Ao pé da letra	literalmente	literally	to the letter / literally	literally	literally / word for word
Aos trancos e barrancos	de forma atabalhoada, desajeitada	in fits and starts	by fits and starts / over hedge and ditch	in fits and starts	with great difficulty
apanhar alguém com a boca no botija	em flagrante; enquanto executava uma ação geralmente condenável	to catch sb red-handed	to catch sb red-handed	-	-
Armado até os dentes	exageradamente armado, preparado para uma situação	-	armed to the teeth	-	armed to the teeth
Armar um barraco	criar confusão em público, discutindo ou brigando com alguém	-	briga - start a quarrel	to make a scene	-
Arrumar sarna para se coçar	procurar por problemas	-	to ask for trouble	-	-
baixar a crista de alguém	tornar alguém humilde, manso	to take sb down a peg or two	-	-	-
banho de loja	incursão a lojas com o objetivo de renovar o guarda-roupa ou mudar o jeito de vestir	makeover	-	-	-
Barra pesada	situação difícil, ou pessoa grosseira e violenta	agressive person	agressive person	-	-
bater as asas	fugir, desaparecer	to take flight	flap the wings	-	-
Bater as botas	Morrer, falecer.	buy the farm / to kick the bucket (GB)	to kirk the bucket	-	to kick the bucket
bater boca	discutir acalorada e demoradamente	-	to quarrel	to argue	to argue
bater carteiras	rouba às ocultas a carteira do bolso de outrem	to pick pockets	to pick pockets	-	to nick somebody's wallet
Bater na mesma tecla	insistir demais no mesmo assunto	to go on about the same thing	repeat the same things over and over / to harp always on the same thing	-	to harp on the same subject
Bater papo	conversar (informalmente)	to chat	to chatter / talk / chat	to have a chat	to have a chat
Bode expiatório	aquele que leva a culpa no lugar de outro	scapegoat	scapegoat	-	scapegoat
Botar o carro na frente dos bois	pular ou queimar etapas de forma	-	to put the cars before the oxen	-	to put the cart before the horse
Cara de pau	Descarado, sem-vergonha	-	to be chekky	-	to brazen
chorar de barriga cheia	lamentar-se sem razão para tal	to have nothing to complain about	-	-	to complain for no reason
comer como um boi	comer além do necessário, comer muito	to eat like a horse	-	to eat like a horse	-
Comprar gato por lebre	Ser enganado.	-	to buy a pig in a poke	-	-
Dar a volta por cima	se recuperar	-	to overcome a difficult situation	-	to get over it / pick oneself up
Dar bola (para alguém)	insinuar-se romanticamente para alguém	to be interested in sb	to encourage attentions	to flirt with somebody	to care about
Dar com a cara na porta	levar um fora, decepcionar-se, procurar e não	-	to find no one at home	-	-
Dar com a língua nos dentes	Contar um segredo.	to let the cat out of the bag	to let the cat out of the bag / to blab / to tattle / spill the beans	-	to let the cat out of the bag
dar no pé	fugir	run off	to take one's hill	to run away	-
Dar o braço a torcer	Voltar atrás numa decisão	to give in	to give in	to back down	to give in
dar um gelo	evitar alguém por ofensa ou ressentimento causado	to give sb the cold shoulder	-	to give somebody the cold shoulder	to give somebody the cold shoulder
Dar uma de João sem braço	fazer-se de desentendido	-	-	-	-
Dar uma mãozinha	dar uma pequena ajuda	to give sb a hand	-	to give somebody a hand	to give somebody a hand
deixar alguém plantado	deixar alguém parado em algum lugar por muito tempo	to stand sb up	-	-	to leave somebody standing somewhere
Deixar na mão	não colaborar, abandonar	-	let somebody down / left someone holding the bag	to let somebody down	-
dizer algo da boca pra fora	falar algo sem compromisso	to say sth without meaning it	-	not to mean it	to say one thing and mean another
Encher lingüiça	enrolar, preencher espaço com embromação	-	to say things which are irrelevant	-	to waffle on
Engolir sapos	fazer algo contrariado; ser alvo de insultos/injustiças/contrariedades sem	to bite your tongue	to put up with unpleasant things for powerlessness	-	to sit back and take it
engolir seco	-	to swallow hard	to swallow one's emotion	-	-
estar às moscas	abandonado, esquecido	to be deserted	without client or spectators	-	to be deserted
Estar com a cabeça nas nuvens	Estar distraído.	to have your head in the cloud	-	to be walking on air	-
Estar com a corda no pescoço	Estar ameaçado, sob pressão ou com problemas financeiros	to be in a fix	to be frightfully hard-pressed	-	-
Estar com a corda toda	estar animado, empolgado	-	to be uninhibited / unconstrained	-	to be really wound up
Estar com a faca e o queijo na mão	Estar com poder ou condições para resolver algo	-	he has the ball at his feet	-	to have things in hand
Estar com dor de cotovelo	estar despeitado devido a uma decepção	-	jealousy	-	to be jealous
ser uma pedra no sapato	causar problemas a alguém	tem: 'ser uma pedra no sapato de alguém': to be a thorn in sb's side	to be a thorn in sb's side	-	-
estar de ovo virado	estar mal-humorado	to be in a bad mood	to be in a bad mood	to be in a bad mood	to be in a bad mood
falar pelos cotovelos	falar excessivamente e com desembaraço	to talk a blue streak / to talk nineteen to the dozen (GB)	to talk nineteen to dozen	-	to talk one's head off
Fazer tempestade em copo d'água	Transformar banalidade em tragédia	a tempest in a teapot / a storm in a teacup (GB)	a storm in a teacup	to make a mountain out of a molehill	to make a mountain out of a molehill
Fazer um negócio da China	Aproveitar grande oportunidade	to do good business	to do good business	-	-
Fazer vista grossa	Fingir que não viu, relevar, negligenciar	to turn a blind eye	to shut one's eyes to	-	to turn a blind eye to
Ficar a ver navios	ficar sem nada ou sem coisa alguma	-	to be left holding the bag	-	to be left high and dry

ficar com cara de tacho	expressão de rosto encubulada ou aturrida diante de fato inesperado ou desagradável	to look a fool	-	-
ficar no pé de alguém	insistir aborrecendo, molestar com pedidos insistentes	to nag sb	-	to keep on at somebody
ir com a cara de alguém	simpatizar-se com alguém	to like sb	to like somebody	-
Ir para o espaço	não funcionar, falhar, dar errado	to go up in smoke	to go out the window	-
Jogar um balde de água fria	Inverter o entusiasmo em desilusão.	to throw cold water on sth	-	-
Lavar roupa suja	Discutir assunto particular	lavar a roupa suja em público' - to wash your dirty linen in public	-	-
levar a cabo	fazer chegar ao fim, fazer terminar	to carry sth out	to accomplish	to carry something out
Levar um fora	ser descartado, desprezado, bloqueado ou impedido por alguém (sentimental)	to get dumped	-	to be given the boot
levar vida de cachorro		to lead a dog's life	to lead a dog's life	-
Meter o rabo entre as pernas	Submeter-se		to draw in on's tail between one's legs	to be left with one's tail between one's legs
Meter os pés pelas mãos	Agir desajeitadamente ou com pressa;	to get into a tangle	-	to mess up
morrer de frio	sentir muito frio	to be freezing	to freeze to death	to be freezing
morrer de medo	ter medo apavorante de algo	to be scared	to be scared stiff	to be terrified
morrer de rir	rir sem parar, rir continuamente	to die laughing	laugh one's head off	to kill oneself laughing
morrer de tédio	sentir muito tédio	to be bored stiff	-	-
morrer de vergonha	sentir muita vergonha	to die embarrassment	-	-
não bater bem da cabeça	ser amalucado, esquisito	to be nuts	to be daft	to be a bit crazy
não dar bola	não dar confiança	to ignore	not to take notice of something	to ignore somebody
não fazer mal a uma mosca	incapaz de prejudicar quem quer que seja	would not hurt a fly	-	-
não ter pé nem cabeça		to be absurd	-	to make no sense
Onde Judas perdeu as botas	lugar muito distante		in a far-away, impassable place	at the back of beyond
Pagar o pato	ser responsabilizado por algo que não cometeu	to carry the can	to pay the piper	to carry the can
passar de boca em boca	espalhar-se rapidamente	to do the rounds	-	-
Pendurar as chuteiras	Aposentar-se, desistir	to retire	-	to retire
Pensar na morte da bezerra	Estar distraído/a.	to daydream	-	to be miles away
pisar em brasa		to be in a very difficult situation	to deal with a very difficult situation	to be on tenterhooks
pisar em falso		to stumble	-	to miss one's step / put a foot wrong
pisar em ovos	agir com muita cautela	to be very careful with sb/sth	-	to tread carefully
Pisar na bola/no tomate	cometer deslize	to overstep the mark	to make a bad mistake	to make a mistake
pisar no calo de alguém	fazer com que alguém perca a calma, a	touch a sore spot	-	to hit a (raw) nerve
Pôr as barbas de molho	Precaver-se		-	to take precautions
Pôr as cartas na mesa/lançar os dados	Expor os factos.		to put one's cards on the table	to put one's cards on the table
Pôr mãos à obra	Trabalhar com afinco		to lay hands on / put one's hand to the plow	to set to work
Procurar sarna para se coçar	Se envolver em problemas sem necessidade		to ask for trouble	-
Procurar uma agulha num palheiro	Tentar algo quase impossível.	to look for a needle in a hay	to seek a needle in a haystack	-
quebrar a cara	dar-se mal	to take a tumble	-	-
Quebrar o galho	dar solução precária, improvisar		to shoot the trouble	to come in handy
quebrar o gelo	iniciar conversa para acabar com silêncio constrangedor	to break the ice	to break the ice	to break the ice
ser burro como uma porta		to be as thick as two short planks	-	-
ser osso duro de roer	ser destemido, , difícil de suportar, aceitar.	to be very strict	-	to be a hard nut to crack
ter os pés no chão	ter objetividade, ser realista	to be down-to-earth	-	to be down-to-earth
ter uma queda por alguém		to have a soft spot for sb	to have a soft spot for somebody	to have a soft spot for somebody
Virar casacas	Mudar de ideias facilmente; traidor.	to be a traitor	to change sides	to become a turncoat
virar de cabeça pra baixo		to turn sth upside down	-	-
virar do avesso	fazer intensa busca para procurar algo	to turn sth inside out	-	to turn inside out

fraseologismo traduzido por um equivalente pré-existente.

fraseologismo traduzido a partir de uma equivalência de situação.

fraseologismo traduzido literalmente, palavra por palavra.

fraseologismo traduzido por um significado diferente do original.